

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES

Curso de Psicologia

**Relações familiares e fase última do ciclo vital: impactos e desafios do
processo de envelhecimento de mulheres idosas de Brasília**

Autora: Fernanda Barbosa Costa (RA: 22002209)

Orientadora: Ma. Izabella Rodrigues Melo

Brasília - DF

2024

Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências da Educação e Saúde - FACES
Curso de Psicologia

**Relações familiares e fase última do ciclo vital: impactos e desafios do
processo de envelhecimento de mulheres idosas de Brasília**

Fernanda Barbosa Costa

RA: 22002209

**Projeto de Monografia realizado no
Centro Universitário de Brasília (CEUB).
Para a obtenção da graduação em Psicologia
Prof^a. Orientadora: Ma. Izabella
Rodrigues Melo**

Brasília - DF

2024

Folha de Avaliação

Autora: Fernanda Barbosa Costa

Título: Relações familiares e fase última do ciclo vital: impactos e desafios do processo de envelhecimento de mulheres idosas de Brasília

Banca examinadora:

Orientadora: Prof.^a Ma. Izabella Rodrigues Melo

Brasília - DF

Dezembro de 2024

Agradecimentos

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus por ter me acompanhado em todos os semestres da minha caminhada acadêmica. Por ter me intuito em minhas escolhas e decisões e por ter sido o meu apoio nos momentos em que o cansaço ou a frustração se encontravam presentes, fortalecendo-me para nunca desistir do meu real propósito.

Aos meus pais, agradeço imensamente por terem acreditado no meu potencial e no meu sonho. Por terem trabalhado e se dedicado tanto, abrindo mão de tantas coisas, para que eu pudesse ter mais oportunidades em minha vida. Eu serei, sempre, imensamente e eternamente grata a vocês, mãe e pai, por serem o meu porto seguro, por terem me acompanhado de perto em todos os meus estudos e em todos os desafios que esse capítulo da minha vida me proporcionou. Obrigado pelas orações e pelo amor que vocês tanto me deram.

Mãe estando longe eu sempre soube que poderia voltar para receber o seu abraço e o seu carinho, recarregando minhas forças e me mostrando como eu não estava sozinha. Obrigada por ser alguém que me inspira todos os dias a ser uma pessoa melhor, sua fé e sua determinação são reflexo de uma história linda que você construiu. Tenho muito orgulho de você. Te amo.

Pai, a sua força e a sua história me ajudam a nunca desistir. Sei que sempre posso contar com você independente da situação e me sinto extremamente privilegiada por isso. Tenho muito orgulho de poder ter você em minha vida. Te amo.

Aos meus irmãos que são minha segunda metade. Paula e Isaias, vocês são parte do que eu sou hoje e da irmã que me tornei, obrigada por serem o meu

refúgio, por me fazerem rir e por me mostrarem a importância que os irmãos possuem em nossas vidas.

Paula, minha irmã mais velha, meu exemplo. Como eu agradeço a Deus por ter colocado uma pessoa tão iluminada em minha vida, uma referência de amiga, profissional e escudeira. Você me fortaleceu e me incentivou em momentos que nem eu acreditava que conseguiria e eu nunca irei esquecer disso. O seu cuidado e carinho comigo me mostram como nossa conexão é de outras vidas e como espero poder ter você por muitos anos ainda, para compartilhar os meus melhores momentos com você. Te amo.

Isaías, meu irmãozinho, minha duplinha pra tudo. Você chegou na minha vida e me fez perceber a beleza de ser uma irmã mais velha para alguém e pode ter certeza que você me ensinou bem mais do que poderia te ensinar. Obrigada por todos os sorrisos e todos os abraços que me sustentaram até agora. Ter você como meu irmão, foi e é o melhor presente que Deus poderia ter me dado. Obrigada irmão, te amo.

A minha professora Izabella Mello, da qual tive a honra de ser orientada e instruída com excelência. Obrigado pela dedicação durante nossas reuniões, com os seus feedbacks pude crescer como pesquisadora e futura psicóloga. Sua presença e suas instruções foram essenciais para eu chegar até aqui hoje, serei eternamente grata por acreditar nesse projeto tanto quanto eu.

Durante a minha caminhada acadêmica tive a oportunidade de conhecer professores e profissionais da qual possuo extrema admiração e carinho e que me fizeram perceber a importância que o curso de Psicologia carrega. Cuidar do outro e principalmente da saúde mental de cada indivíduo não é uma tarefa simples, e sim algo que requer muita dedicação, esforço, acolhimento e principalmente muita ética,

e com os auxílio de psicólogos tão conceituados como a professora Keyla Cooper, Priscila Magalhães, Janaína Vidotti e minha supervisora de estágio hospitalar Heluane Peters pude aprender e valorizar uma profissão tão linda da qual tenho orgulho de fazer parte.

As minhas amigas de graduação, e futuras colegas de profissão, esse processo com certeza seria mais difícil sem o companheirismo de vocês. Obrigada por terem me acompanhado desde os primeiros semestres e por terem me feito perceber que os problemas e desafios podem ser mais leves quando enfrentamos eles juntos. Sou extremamente grata por ter construído essa amizade tão bonita e tão natural com todas vocês.

As minhas amigas de infância Isabelly e Isabela. Eu não poderia ter pedido irmãs melhores a Deus. Mesmo longe, sempre buscamos nos manter presentes na vida uma das outras e sou verdadeiramente grata por vocês fazerem parte das minhas conquistas e dos meus sonhos. Poder ter tido vocês durante esse capítulo da minha vida foi essencial e sei que poderia contar com cada uma para os próximos que estão por vir. Amo vocês.

E por fim dedico este trabalho ao “Recanto dos idosos” local do qual eu pude crescer tanto como mulher, pessoa e profissional. Obrigada a Deus por ter me mostrado a importância de estudar e pesquisar cada vez mais, sobre esse ciclo da vida que muitas vezes é negligenciado. Obrigada a todas as idosas que me mostraram a beleza que a vida e a história de cada uma delas carrega e que merece ser contado. Como futura psicóloga espero poder agregar cada vez mais para esse público tão importante para nossa sociedade.

Sumário

1.0 Introdução

2.0 Referencial Teórico

2.1 Construcionismo social

2.2 Abordagem Sistêmica

2.3 Ciclo Vital da Família

4.0 Método

4.1 Participantes

4.2 Materiais e Instrumentos

5.0 Procedimentos de construção de informações

5.1 Procedimentos de análise

6.0 Resultados e Discussões

6.0 Referências

6.1 Anexos

Resumo

O presente projeto apresenta como objetivo geral, investigar a influência do processo de envelhecimento nas relações familiares de mulheres idosas de Brasília, a partir de diálogos interdisciplinares entre a abordagem sistema, o construcionismo e o ciclo vital e de que forma eles se entrelaçam no processo de envelhecimento. Para isso, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com três a quatro mulheres idosas, entre 60 a 70 anos, e de diferentes etnias. Para a análise dos resultados foi utilizado o processo de Análise de Conteúdo, que possui como foco principal a compreensão para além dos conteúdos explícitos.

Palavras chave: envelhecimento, mulher idosa, mulher idosa preta, etarismo, ciclo de vida

1.0 Introdução

É possível perceber que a visão da sociedade sobre a pessoa idosa foi se alterando com o decorrer dos séculos: a velhice e aqueles que “passavam” por ela eram vistos com respeito, admiração, sabedoria e experiência. Seus ensinamentos eram valorizados e apreciados, sendo reconhecidos e vistos como guardiões dos costumes e valores que emergiam do cotidiano (Lessa, 2021).

O processo de envelhecimento é experienciado de forma distinta para cada indivíduo, que carrega consigo suas singularidades e subjetividades, mas que não são as únicas coisas que englobam esse processo. Compreender o contexto social a história particular daquela pessoa, sua classe, gênero, etnia, de que forma são estruturadas suas condições básicas de saúde, educação e condições financeiras, são aspectos sociais essenciais, que ajudaram a construir a sua individualidade e que iriam servir como auxílio no processo de adaptação e organização dessa nova etapa (Ferreira, et al., 2019).

Paralelo a isso, na mesma medida em que a população envelhece, os números de registros de abandono de idosos aumentam. Apesar de tal comportamento ser considerado crime, muitas famílias abandonam seus idosos e trazem como explicação, o fato de não terem tempo para dar a atenção necessária ou devido a escassez financeira para os custos com tais cuidados (Rocha, 2024).

O contexto familiar envolve uma série de transformações que formam um sistema de relações, funcionando como uma rede de apoio para o desenvolvimento das pessoas que dele fazem parte. Nesse sistema, destacam-se dimensões como o grau de afeto e intimidade entre os membros, os conflitos – ou seja, as divergências – e a hierarquia estabelecida. Esses aspectos são fundamentais para entender a

coesão desse sistema e avaliar se a família consegue tanto acolher as individualidades quanto promover uma compreensão de sua unidade como um todo (McGoldrick, Garcia-Preto & Carter, 2016).

As fases de mudança dentro do ciclo de vida familiar frequentemente representam períodos de maior estresse, conflito e risco de rompimento nas relações, o que eleva o nível de ansiedade entre os membros. Quanto mais intensa for essa ansiedade, maior a probabilidade de a transição se tornar disfuncional. Essa ansiedade exerce um papel crucial, influenciando se a família conseguirá se reorganizar e se adaptar às novas circunstâncias ou se enfrentará dificuldades para encontrar equilíbrio e coesão (Carter & McGoldrick, 1995).

A chegada da velhice é um processo natural, que se encaixa dentro das etapas do ciclo vital, contudo, pode não ser um tópico fácil de ser abordado dentro das relações familiares, principalmente com aquele que se encontra como o protagonista do envelhecimento. Isto decorre do fato de que, infelizmente, para algumas famílias existe uma ideia de que o membro mais valioso é aquele financeiramente ativo, sendo assim, dentro deste núcleo familiar o papel do idoso é negligenciado. Desta maneira, a perda da sua identidade é notória, o que impacta na sua condição de vida e saúde de modo geral (Balak & Ningeliski, 2020).

A família é responsável por ser o primeiro contato e interação social que muitos sujeitos terão, apesar de haver exceções. Neste contexto são apresentados as primeiras relações, interpretações, princípios e valores que serão desenvolvidos ao longo da vida. Com isso, é provável que, na maioria dos casos, a pessoa idosa anseie por amparo de seus familiares, em destaque de seus filhos, buscando por uma reciprocidade afetiva (Balak & Ningeliski, 2020).

O envelhecimento é um período multifacetado, que apresenta aspectos

biológicos, sociais e culturais. Nesse sentido, também é possível perceber diferenciações de gênero neste processo. Um exemplo disso é o envelhecer para a mulher, este processo vem atrelado ao surgimento de uma grande pressão interna e externa para esse indivíduo, seja em relação a sua libido, ao seu papel na família, casamento e sociedade, mas também a sua imagem diante de padrões de beleza inalcançáveis. Todos estes aspectos envolvidos são abordados quando falamos da “mulher madura” (Ussyk, 2020).

Contudo, se pararmos para refletir estes processos de mudanças que englobam a experiência dessa mulher idosa, os mesmos não são bem vistos socialmente, quando comparados a experiência masculina que possui o seu envelhecimento valorizado e reconhecido como algo positivo, algo que traz virilidade, maturidade e até mesmo elegância quando o associado a um “homem velho”, em contrapartida quando uma mulher é descrita como “velha”, na maioria da vezes refere-se a uma pessoa “acabada” e sem cuidados (Ussyk, 2020).

É inegável a maneira como a autoestima da mulher idosa é afetada nesse momento. Existe uma sensação de invisibilidade, como se suas opiniões fossem excluídas socialmente, sua presença, seja no mercado de trabalho ou em relacionamentos amorosos, é lentamente “apagada”, além de se entenderem como inadequadas diante da implementação de um padrão estético de um corpo jovem magro e feminino (Ussyk, 2020).

Logo, é fundamental debater as diferentes experiências e vivências que o envelhecimento traz, não sendo um processo uniforme para todos. Como apresentado, a velhice para a mulher traz um impacto maior não só socialmente como subjetivamente, mas os desafios e vivências que uma mulher idosa preta enfrenta são ainda mais complexos e desafiadores. A mulher preta enfrenta diversas

formas de discriminação vindo de um processo histórico escravocrata, oriundo da dominação colonial. Atrelado a isso, esta discriminação tem a probabilidade de se intensificar e afetar a qualidade de vida de mulheres com a chegada do envelhecimento (Monteiro, 2023).

Em uma pesquisa do IBGE (2020) na *Síntese de Indicadores Sociais*¹, que analisa aspectos das condições de vida e bem-estar da população brasileira, foi possível analisar que mulheres pretas possuem uma menor expectativa de vida em relação às mulheres brancas, além de possuírem um acesso menor em serviços de saúde. Todas essas circunstâncias são essenciais para o entendimento das nuances do envelhecimento da mulher preta no Brasil (Monteiro, 2023).

Dentro disso, a intenção em pesquisar este tema surge através do contato e participação da pesquisadora, como voluntária de um grupo terapêutico e de artesanato de uma Instituição de Caridade Religiosa localizado em Valparaíso - Goiás, onde foi possível observar e escutar histórias e vivências de diferentes tipos de mulheres idosas, que traziam consigo frustrações, angústias, reflexões e ensinamentos referentes a esse novo ciclo da vida.

Ademais, entende-se que esta fase pode acompanhar diversos tipos de alterações, sejam funcionais, sociais, neurológicas e psicológicas. Assim, a forma como a qualidade de vida é afetada, irá definir a maneira como aquele indivíduo irá passar por esse novo período e enfrentar suas adversidades (Ferreira, 2023).

Os aspectos culturais, paralelamente, são relevantes na forma como se observa e interpreta este envelhecimento. Esta nova realidade enfrentada é de fato, um momento de adaptação a novas experiências, sendo um processo sequencial e irreversível, no qual a pessoa é desafiada a se enquadrar nas mudanças físicas e

¹ <https://www.ibge.gov.br/>

psíquicas que a acompanham e que iram definir a possibilidade de envelhecer de maneira bem-sucedida (Simão, 2020).

Uma das consequências geradas referente a tais mudanças é a chegada da solidão. A percepção negativa que já é pré estabelecida socialmente para a velhice, desencadeia no indivíduo a ideia de que ele não é mais útil para seus familiares e amigos, que pelo bem do outro ele deve se isolar, desencadeando um processo denominado desengajamento social, sendo esta a ruptura de relações entre os indivíduos ao seu redor e a sociedade, com o intuito de evitar causar “perturbações” ou “incômodos” (Tomé & Formiga, 2020).

Assim, com a insegurança e o medo de não ser mais reconhecido ou valorizado pelos seus entes queridos, e com a consciência da proximidade da morte, o indivíduo começa a desenvolver uma retração maior de si, com reflexões a respeito de seus fracassos ou realizações durante sua trajetória (Tomé & Formiga, 2020).

Logo, a pergunta de pesquisa busca concentrar-se em investigar de que forma as relações familiares impactam no processo de envelhecimento de mulheres idosas e se esta dinâmica familiar, acompanhada dos desafios que surgem dentro da última etapa do ciclo da vida, influencia na qualidade de vida destas mulheres na velhice. Assim, será possível compreender a importância das estruturas familiares e como pode haver, de certa forma, um desequilíbrio nesse sistema já pré estabelecido.

A busca por uma velhice saudável é uma meta para todos que estão entrando nesta fase. Apesar desse processo na vida do indivíduo ser único e individual, existem pilares que podem facilitar ou dificultar sua adaptação, e a saúde mental está entre um desses pilares. Sendo esta, em paralelo com a saúde física, as

responsáveis por definir o impacto que o adoecimento de uma terá sobre a outra (Filippin & Castro, 2021).

Ademais, prezar pelo bom convívio familiar é a base para que os membros consigam entender e identificar suas novas funções de forma assertiva. A troca de papéis pode não ser uma tarefa fácil inicialmente, assim criar estratégias que auxiliam a família a compreender, observar e abandonar os possíveis estímulos estressores que interferem em suas relações é fundamental para contribuir com a funcionalidade familiar, isto é, a maneira pela qual a família lida com alterações no ambiente e convívio, sendo este o causador direto do impacto da qualidade de vida e saúde daquela idosa (Ferreira, 2023).

Assim, como foi apresentado, envelhecer cria no indivíduo não só conflitos externos como também questionamentos internos gerando uma possível retrospectiva de sua trajetória existencial. Todas essas novas adaptações podem culminar em inquietações para o idoso(a), que enxerga o seu tempo como curto e desnecessário, e é nesse contexto que a Psicologia vem como uma forma de auxiliar na organização e enfrentamento dessas novas emoções e sentimentos, visando por meio de conversas terapêuticas, técnicas, intervenções e entre outros mecanismos, promover o seu bem-estar (Alves et al., 2021).

Envelhecer de forma ativa é um objetivo que deve ser cada vez mais incentivado, pois uma vida com qualidade está ligada a uma continuidade biopsicossocial – isto é, ao equilíbrio entre fatores biológicos, psicológicos, sociais, familiares e culturais. Nesse sentido, torna-se essencial integrar a responsabilidade da família, da sociedade e das políticas públicas para combater a negligência e o preconceito em relação ao envelhecimento. Ao promover apoio e inclusão, essas esferas ajudam a construir um ambiente onde o idoso possa manter autonomia,

dignidade e engajamento social, fundamentais para uma velhice saudável e ativa (Simão, 2020).

Dessa forma, o objetivo geral deste projeto de monografia é investigar a influência do processo de envelhecimento nas relações familiares de mulheres idosas de Brasília, e como objetivos específicos; a) caracterizar de que forma o convívio familiar destas idosas influencia no seu processo de envelhecimento b) compreender de que forma a valorização do papel da mulher idosa se altera em relação aos demais papéis familiares c) investigar a relação de dependência destas idosas com seus filhos(as).

2.Referencial Teórico

2.1- Construcionismo social

O mundo está envelhecendo e este processo de envelhecimento social nos mostra um aumento não só da expectativa de vida, devido aos avanços da tecnologia e da medicina, mas também devido a queda de mortalidade bem como a queda de fecundidade. Paralelo a isso, podemos analisar como tais recursos e avanços tecnológicos construíram uma ideia da velhice e dos traços estéticos e genéticos que ela carrega, como algo negativo para aquele indivíduo que ingressa nessa fase (Filippin & Castro, 2021).

Apesar do envelhecimento populacional ser um avanço, este processo dentro na nossa sociedade possui diversos desafios, pois além das limitações físicas, psíquicas e sociais que possivelmente podem aparecer, existe ainda a necessidade de se adquirir uma atenção integral a tais pessoas e proporcionar uma condição digna para uma velhice saudável (Filippin & Castro, 2021).

Paralelo a isso, podemos destacar como o papel do idoso e o seu lugar social

mudou ao longo do tempo. Para isso é necessário analisar o contexto histórico e como a ideia de velhice é um conceito etário originado na Idade Moderna na sociedade ocidental. A partir do século XIX percebemos gradualmente, uma criação mais bem definida das funções e hábitos de cada grupo etário, essa distinção de papel pode ser melhor observada com a vinda do sistema de aposentadoria que, de certa forma, atrelou a velhice a invalidez, por relacionar os aposentados a aqueles indivíduos que não tinham mais condições ou capacidade de trabalhar (Rocha, 2024).

Ao analisar essa fase do desenvolvimento humano, observa-se que o envelhecimento ainda é cercado por estigmas e preconceitos, frequentemente associado a perdas corporais, produtivas e até familiares. Esses atributos negativos são, em grande parte, frutos de uma construção social compartilhada, formada através das práticas e relações ao longo do tempo. Essa visão coletiva sobre a velhice, no entanto, não é fixa nem resulta de uma observação objetiva; trata-se de uma percepção em constante transformação, moldada e redefinida por contextos históricos e culturais. Reconhecer essa construção social permite questionar e desmistificar ideias pré-concebidas, abrindo espaço para uma compreensão mais ampla e positiva do processo de envelhecimento (Magalhães & Nogueira, 2021).

Gergen (1985) ressalta que para conseguir identificar a base do construcionismo em qualquer abordagem é essencial que alguns pressupostos devam ser levados em consideração para esta ciência. Sendo estes:

1. Um posicionamento crítico diante do conhecimento concebido como verdade
2. Os termos e aspectos pelos quais se compreende o mundo e paralelamente cada pessoa individualmente são vistos como produtos

sociais de inter relações pessoais com questões históricas e culturais.

3. Compreender que uma determinada descrição do mundo ou do *self* é adquirida ao longo do tempo devido às vicissitudes do processo social e não por uma validade objetiva.
4. A maneira como a linguagem irá atribuir o seu significado tem relação com o seu desenvolvimento dentro das relações e seus padrões
5. Avaliar os discursos existentes é a mesma ideia de avaliar padrões de vida cultural.

A ideia de crítica sob o conhecimento visto como “verdade” , apresentada no primeiro tópico, é ao mesmo tempo, uma oposição às observações do mundo que são percebidas como demasiadas concretistas e objetivistas, sem a ausência de enviesamentos. Dentro disso, essa abordagem vem como uma forma de oposição ao positivismo e ao empirismo das ciências sociais tradicionais, rebatendo ideias que afirmam que aquilo que “existe” é apenas aquilo que se percebe (Nogueira, 2001).

Dentro do construcionismo, os termos e as descrições não são motivadas pelo mundo em si e nem por aspectos biológicos, mas sim, por serem resultantes de uma ação humana, ações estas conjuntas e coordenadas. O conhecimento necessário para compreender os conceitos, termos ou normas sobre algo ou alguém é relativo, pois acompanha o tempo e a cultura, logo é necessário primeiro saber de “onde” e de “quando” aquele conceito vem para assim podermos analisá-lo (Nogueira, 2001).

Um bom exemplo disso é quando observamos a visão e a relação que a sociedade construiu das pessoas idosas. Ao longo dos anos, como foi mencionado, a cultura e o tempo influenciaram na maneira como o papel deste indivíduo foi sendo

estabelecido e valorizado em seus diferentes cenários, mas é importante ressaltar como esta construção social vai variar de acordo com sua classe social, cultura ou grupo profissional que pertence (Gomes, 2022).

É impossível, portanto, querer compreender a velhice sem considerar os desafios que as acompanham. Negligenciar os estereótipos e as representações sociais que a cultura atribui a essa fase da vida, apenas intensifica uma tendência que a sociedade contemporânea tem em tornar superficial aquilo que preferimos evitar o confronto (Rosa & Vilhena, 2016).

Para compreender melhor tais divergências e estigmas dentro da velhice, retratando os indivíduos mais velhos com um estereótipo, por vezes, voltado a um teor negativo, o psiquiatra americano Robert Neil Butler em 1969, definiu a criação de um conceito denominado etarismo. Este termo é reflexo de um fenômeno social multifacetado, que abrange como pensamos (os estereótipos), como nos sentimos (preconceitos) e como agimos (a discriminação) em relação a outros indivíduos em razão da idade (Santana et al., 2024).

Já em relação à descrição do mundo ou do self ser sustentada pelo tempo, Gergen (1985) afirma que o conhecimento vem de um processo social. Deriva de relações e vivências diárias entre pessoas, são a partir dessas trocas de momentos que as versões de conhecimento são construídas. Por isso é essencial que existam, dentro de um construcionista, o seu interesse e curiosidade pelas interações sociais, sendo a linguagem uma delas.

O construcionismo vem, dessa forma, para auxiliar nos estudos das relações de gênero e, paralelamente, desmistificar uma visão social que polariza e rotula os sexos feminino e masculino. Assim, compreende-se que os comportamentos atribuídos a cada gênero estão relacionados e enraizados ao contexto sócio-

histórico e não necessariamente na biologia dos sexos (Bacelar et al., 2021).

Desse modo, é possível permitir que sejam questionados os papéis sociais de homens e mulheres e como isso influencia no desenvolvimento de suas trajetórias do início ao fim do seu ciclo vital. Com isso, na maioria das vezes, o homem, associado ao gênero masculino, é colocado em posição de superioridade, força, privilégios e possui uma maior flexibilidade perante aos critérios e padrões estabelecidos socialmente, enquanto a mulher associada a feminilidade, é representada em um lugar de inferioridade, possuindo apenas a beleza e a juventude como atributos (Parker, 1991).

Essa questão social pode ser notada na diferença em que a velhice é vivenciada por homens e mulheres. Em uma sociedade patriarcal, é notório como se observar a vantagem em ser homem, principalmente em um contexto do qual os padrões estéticos vangloriam a juventude, ser mulher e ser velha é algo duplamente desvalorizado (Bacelar et al., 2021).

Com isso, a ideia de velhice e beleza, pelo menos para as mulheres, ainda parece ser inconciliável, por trazer uma ideia de desleixo, decadência, insegurança, como se ela já tivesse desistido de seus deveres como mulher. Enquanto para o homem esse processo é interpretado socialmente de outra forma, sendo associado à realização, elegância, maturidade, sucesso e entre outros (Bacelar et al., 2021).

Entretanto, é essencial abordar como essa fase da vida pode apresentar adversidades maiores quando relacionada às mulheres negras e idosas. Ao analisarmos essa interseção entre gênero e raça, percebemos que a combinação do sexismo e do racismo impõe às mulheres negras um fenômeno denominado asfixia social. Esse processo resulta em uma série de desdobramentos negativos, como a redução da expectativa de vida em relação às mulheres brancas, maior índice de

solidão afetiva e confinamento em ocupações sociais e profissionais de menor remuneração e prestígio (Silva & Chariglione, 2023).

Essas adversidades, profundamente enraizadas no contexto social, também refletem a importância da linguagem na construção da realidade. A linguagem humana, ao contrário da animal, é dinâmica e performativa, moldando e sendo moldada pelas interações sociais. Em oposição à visão da psicologia tradicional, que considera a linguagem um reflexo do que já existe, os construcionistas defendem que a realidade social é, na verdade, construída e transformada através da linguagem. Essa perspectiva nos leva a questionar e reinterpretar os significados atribuídos à identidade e às vivências das mulheres negras idosas, cujas experiências são constantemente redefinidas e influenciadas pelos contextos em que vivem (Nogueira et al., 2005).

Por fim, como último aspecto apresentado por Gergen (1985) sobre o construcionismo, quando se fala em analisar os discursos já existentes, como sendo a mesma ideia de analisar padrões de vida culturais, podemos associar com a ideia de que, quando se procura analisar estes objetos, seja a personalidade, comportamentos ou preconceitos, busca-se entender como, os mesmos, são formados e de que forma constituam-se nos indivíduos. Esta análise do discurso trouxe uma maior reflexividade às pesquisas psicológicas, colocando-se aberta a críticas ao permitir uma investigação maior nas formas distintas de construção social (Nogueira, 2001).

Sendo assim, essas relações são essenciais para a vida em sociedade, afinal, a partir delas é possível desenvolver negociações sobre as diferentes formas de entendimentos que cada indivíduo possui de acordo com suas perspectivas e

experiências. A maneira como descrevemos o mundo e as explicações e justificativas que se desenvolvem a partir disso são vistas como ações sociais que se articulam para a formulação de vários padrões sociais (Gergen, 1985).

2.2 Abordagem Sistêmica

Ao longo dos anos foi possível observar como diferentes grupos teóricos buscaram trazer a família como um fator importante e válido para o cenário clínico. Logo, após 1960, modificações começaram a fluir sistematicamente e com isso a estrutura familiar estabelece um protagonismo maior, apresentando o seu reconhecimento para os estudos e compreensões no auxílio das dimensões individuais de conflitos (Costa, 2010).

Considerar tanto a abordagem familiar quanto a individual é fundamental para compreender como cada uma contribui para a resolução de conflitos e o alívio do sofrimento do indivíduo. A abordagem familiar foca na dinâmica entre os membros da família, abordando padrões de interação, comunicação e papéis que podem influenciar a experiência emocional do indivíduo. Já a abordagem individual concentra-se nas questões internas, como crenças pessoais, emoções e processos cognitivos, promovendo autoconhecimento e estratégias de enfrentamento específicas. A combinação dessas duas perspectivas oferece uma visão mais ampla e integrada, permitindo intervenções mais assertivas e duradouras para facilitar mudanças significativas (Costa, 2010).

A partir disso, a teoria sistêmica surge como uma abordagem que afirma a importância em não focar apenas nas partes de um sistema ou organismo, mas sim no todo que o compreende. Essa teoria foi essencial para contribuir com um novo olhar para o contexto familiar, analisando-o como um sistema complexo, composto

por diferentes subsistemas que se influenciam simultaneamente (Vasconcellos, 2012).

Ademais, a família, como uma instituição organizada hierarquicamente, distribui diferentes papéis e funções a depender do gênero e idade de cada indivíduo. Logo, é necessário analisar a sua totalidade e compreender a importância em estudar aspectos, para além do macro, como a ordem social, mas também níveis intermediários como culturas e comunidades (Gomes et al., 2014).

Sendo assim, observa-se a necessidade em investigar e analisar como tais instituições, seja a família, a cultura ou a sociedade se comportam mutuamente. Afinal, observar apenas um aspecto isolado, sem o relacionar com o todo que o compõem, é inviável para compreender a complexidade do indivíduo e o processo que o mesmo perpassa. Paralelo a isso podemos abordar a maneira como o envelhecimento para a mulher idosa apresenta diversos aspectos e cenários que auxiliam na análise desse momento do ciclo vital (Ussyk, 2020).

Primeiramente, é essencial ressaltar como esse processo carrega, para a mulher, uma pressão social e uma autocrítica maior. Afinal a sociedade apresenta visões diferentes para a chegada na velhice em cada um dos gêneros. As mulheres, infelizmente ao longo dos anos, apresentaram uma necessidade em acompanhar padrões estéticos corporais, que possuem como referência; simetria, perfeição, magreza e o novo (Rosolem, 2021).

Entretanto, ao longo de cada fase da vida dessa mulher, o seu corpo e a sua forma de se relacionar com ele mudou completamente, abrindo espaço para novas formas e interpretações de se identificar como bela e feminina, sendo possível assim, criar um novo olhar sobre as mudanças corporais, individuais e sociais que esta mulher percorre (Ussyk, 2020).

Ademais, quando tais padrões seguem apenas um modelo do que é aceito como belo ou jovem, o índice de representatividade para esta porcentagem de mulheres que não se encaixam nos requisitos apresentados é bem menor, e se analisarmos dentro do nicho de mulheres idosas, esses parâmetros e critérios afunilam-se cada vez mais (Castello, 2022).

A velhice para a mulher atribui a ela uma nova imagem, mas coincidentemente o papel ainda é o mesmo. Logo, anteriormente vista como uma mulher jovem, sexy e ativa, evoca-se agora a figura da avó, que não possui mais os benefícios da beleza, mas que ainda sim continua com as mesmas funções e estereótipos antes apresentados, sobre o papel da mulher em sociedade, sendo assim intituladas como, frágeis, dependentes, inferiores e apáticas (Monteiro & Rocha, 2017).

Com isso podemos perceber a importância em identificar e analisar as diferentes partes que abrangem o todo deste processo de envelhecimento para a mulher. Se acreditarmos que apenas uma parte desse sistema é importante ou se acharmos que as mudanças que emergem nele não se correlacionam, seria inviável conseguirmos analisar as diversidades e as dimensões que incorporam este sistema e a maneira como o comportamento social influencia esta etapa da vida da mulher (Fiorini & Guisso, 2016).

A vivência da velhice para mulheres negras apresenta desafios adicionais, decorrentes de fatores socioeconômicos, raciais e de gênero. Social e culturalmente, essas mulheres enfrentam barreiras no acesso a cuidados de saúde e oportunidades econômicas, muitas vezes resultantes de desigualdades estruturais históricas. Esses obstáculos se intensificam na fase final do ciclo de vida, impactando significativamente a qualidade desse processo de desenvolvimento

humano. A falta de acesso a recursos e a exclusão econômica e social podem comprometer a autonomia e o bem-estar dessas mulheres, tornando o envelhecimento um período especialmente vulnerável e marcado por limitações. Compreender essa realidade é fundamental para promover intervenções que visem uma velhice mais digna e inclusiva (Rabelo et al., 2018).

Ademais, se observamos o contexto histórico e social, a mulher preta apresenta um papel de protetora e cuidadora dentro das comunidades e famílias, este aspecto, quando disposto dentro do processo de envelhecimento, pode intensificar um grau maior de estresse e sobrecarga de trabalho, principalmente quando esta mulher precisa lidar tanto com suas questões e desafios individuais e ao mesmo tempo conciliar com os cuidados necessários com seus familiares. (Hooks, 2005).

Existem diversos desafios que influenciam o processo de envelhecimento de idosas negras. A mudança na aparência, por exemplo, mostra como para essas mulheres, ter que se encaixar em padrões de branquitude sempre foi uma necessidade e agora, na velhice, essa demanda parece ser maior. A figura de mulher “frágil e indefesa”, socialmente não se aplica para a mulher preta idosa da mesma forma que aplica-se para as mulheres brancas de mesma idade, afinal a primeira não pode se dar o “privilegio” de ser “fraca”, pois essa mulher precisa ser forte a todo tempo, ser batalhadora, adjetivo utilizado com frequência para justificar a necessidade do trabalho intensivo e sem descanso. Além de ser responsável pelo lar e pelos filhos e, muitas vezes, ainda ter que conviver com a solidão conjugal (Hooks, 2005).

2.3 Ciclo Vital da Família

A família é considerada o primeiro grupo social da maioria dos indivíduos, responsável não apenas por oferecer proteção e segurança, mas também por transmitir regras, valores sociais, critérios morais, crenças e legados familiares. Para que uma relação saudável e harmoniosa seja estabelecida entre seus membros, é essencial que cada um tenha um papel claro e específico, com uma diferenciação de funções bem definida. Essa clareza nos papéis e na identidade individual dentro da unidade familiar contribui para um ambiente equilibrado, no qual cada membro pode se desenvolver de maneira autêntica e independente, ao mesmo tempo que colabora para o bem-estar do grupo (Cervený & Berthoud, 2009).

Contudo, quando observamos essas relações de funções, entende-se que existem diferenças entre tais atribuições e como estas são relacionadas de acordo com o gênero daquele indivíduo, perante a sociedade. Ainda observa-se um papel tradicional para o pai, visto como o provedor e a mãe, designada como cuidadora dos filhos e da casa. Estas divisões, de certa forma, impactam a maneira como cada integrante da família é compreendido e valorizado (Conceição, et al., 2015). Apesar de atualmente existir uma maior flexibilidade dos papéis de gênero, do qual busca-se desafiar os estereótipos tradicionais e alcançar uma maior liberdade para expressar suas identidades, destacando assim, a imagem da mulher, com maior frequência em cenários profissionais, e o homem apresentando um progresso na conscientização da importância da paternidade ativa, não podemos negligenciar que ainda vivemos sob concepções de um contexto patriarcal e que mesmo existindo uma evolução e desenvolvimento em certos cenários, a sociedade ainda enxerga o papel das mulheres como “deveres”, diferente do homem, que muitas das vezes tem o direito a escolha sem o julgamento (Madureira, 2010).

O conceito de ciclo de vida familiar foi introduzido pela terapia familiar na

década de 1970 por Jay Haley, que sugeriu que o surgimento de certos sintomas em membros da família pode estar ligado a uma espécie de 'paralisia' ou 'fixação' nos períodos de transição entre os estágios do ciclo de vida familiar. Esses sintomas, segundo Haley, ocorrem quando a família se vê incapaz de lidar com as mudanças que o tempo naturalmente impõe ou quando há um receio coletivo em enfrentar essas transformações. Esse bloqueio pode surgir em momentos que exigem adaptações, como a chegada de um filho ou a inserção de um novo membro na estrutura familiar, trazendo tanto oportunidades de crescimento quanto de desafios. Esses marcos de passagem podem desencadear crises que, se não resolvidas, se manifestam como sintomas no comportamento ou na dinâmica familiar, sinalizando a necessidade de adaptação (Conceição et al., 2015).

Para uma análise aprofundada, é essencial compreender a família como um sistema dinâmico e em constante movimento, cujo desenvolvimento se assemelha a um modelo espiral, onde revisita, mas não repete, os mesmos pontos ao longo do tempo. Essa visão, proposta também por Carter e McGoldrick (1995), destaca que o desenvolvimento familiar não é linear, e sim uma série de ciclos de expansão e adaptação que ocorrem continuamente. Assim, os sintomas descritos por Haley não representam apenas problemas, mas indicam pontos de ajuste necessários para que a família possa avançar em seu ciclo evolutivo.

Quando abordamos o funcionamento e a estrutura das relações familiares, podemos analisar de que maneira Cerveny e Berthoud (1995) trazem esta organização. De acordo com os autores, existem quatro fases do ciclo vital da família brasileira sendo eles: a Aquisição, a Adolescente, a Madura e a Última. Para este projeto iremos focar na fase Última, entendida como aquela responsável pelo

fechamento de todo o ciclo da família, afinal entende-se que alguns os integrantes estão vivendo a velhice, esta fase apresenta como maior característica as relações entre as gerações descendentes e a mudança nos valores, possivelmente, devida a chegada de demandas.

Na fase Última do ciclo vital, destaca-se diversas transições que são marcadas pelo rompimento de alguns laços, como com o trabalho formal, o tempo livre, amizades ou relacionamentos, ao mesmo tempo apresenta-se uma certa sensação de liberdade e angústia, sendo assim é compreendido como um tempo para ser redimensionado e refletido (Bento & Pereira, 2021)

Ademais existem desafios que acompanham esse envelhecimento, como os estereótipos e os preconceitos. Para muitas pessoas, a velhice é vista como um período de sofrimento e de características negativas, muitas vezes, o idoso é retratado como decadente, inativo e dependente, isso pode ser analisado a partir da maneira como a sociedade compreende esse momento da vida. Ainda se tem uma visão social de que o novo sempre é mais valorizado e é associado à agilidade e beleza, o que pode culminar com a negação ao envelhecimento, criando no indivíduo uma sensação de estranhamento e incômodo ao perceber os primeiros sinais da velhice (Rosa, et al., 2022).

Estes sinais e mudanças, são expressados pelo próprio corpo indivíduo, que naturalmente vai se transformando à medida em que envelhece, apresentando assim sinais físicos externos como o surgimento de cabelos brancos, rugas, um declínio na audição e visão, uma redução muscular e em alguns cenários as habilidades cognitivas também são atingidas, gerando a perda de memória e a deficiência da percepção e orientação (Guimarães & Carneiro, 2012).

As transformações que acompanham o processo de envelhecimento trazem

diversas consequências para o indivíduo, afetando tanto sua saúde quanto sua qualidade de vida. Para que esses desafios possam ser enfrentados de forma saudável, é crucial considerar a maneira como cada pessoa compreende e lida com elementos intrínsecos de sua história pessoal, suas condições físicas e o suporte social disponível. Uma velhice saudável depende, em grande parte, da capacidade do idoso de integrar suas experiências passadas com os recursos de apoio que possui, como redes familiares e sociais. Esse suporte, aliado a uma percepção positiva do próprio envelhecimento, pode ajudar a reduzir os impactos das mudanças físicas e psicológicas e contribuir para uma vida mais equilibrada e satisfatória nessa fase (Conceição et al., 2015).

A redução nas interações sociais que o idoso pode enfrentar tende a isolá-lo gradualmente, levando-o a situações em que as pessoas ao seu redor, muitas vezes, o tratam de forma que reforça esse isolamento. Esse distanciamento social pode fazer com que o idoso sinta que sua presença e contribuições não são mais valorizadas pela sociedade, resultando em uma sensação de desconexão e falta de pertencimento ao presente. Esse processo, além de prejudicar a autoestima e a identidade do indivíduo, reforça estereótipos que o excluem da posição de sujeito ativo e relevante, contribuindo para uma percepção de invisibilidade em um contexto que privilegia a juventude e produtividade (Conceição et al., 2015).

O abandono afetivo que muitos idosos experimentam, especialmente no seio familiar, evidencia-se como um fenômeno marcante e doloroso. Desde o nascimento, o ser humano se estrutura sobre a base de vínculos sólidos e relacionamentos significativos, os quais desempenham um papel essencial na satisfação de suas necessidades emocionais e psicológicas em todas as etapas da vida, incluindo a velhice. No entanto, observa-se que muitos idosos enfrentam um

cenário de fragilidade no suporte e nos laços familiares, o que frequentemente os conduz a um estado de solidão emocional e relações unilaterais. Esse contexto de escassez afetiva e distanciamento enfraquece o senso de pertencimento e minora a qualidade das interações familiares, comprometendo a percepção de valor e acolhimento que o idoso poderia esperar de sua rede próxima (Cervený, 2001).

Quando observamos o envelhecimento feminino, torna-se evidente como o fenômeno da solidão tende a intensificar-se, refletindo aspectos singulares dessa trajetória. No Brasil, a expectativa de vida das mulheres é significativamente superior à dos homens, em média oito anos a mais, devido a fatores biológicos e ao maior cuidado com a saúde. Essa longevidade, no entanto, traz à tona novos desafios. Em um contexto marcado pela herança de uma sociedade patriarcal, muitas dessas mulheres chegam à velhice sem uma história de trabalho remunerado e, portanto, sem independência financeira, o que as posiciona em um cenário de vulnerabilidade e dependência – seja do cônjuge, seja de familiares. Esse arranjo social e econômico resulta em um apoio afetivo limitado, que frequentemente não é suficiente para atender às suas necessidades emocionais e psicológicas, agravando o isolamento. Em razão desse isolamento e da ausência de redes de apoio, muitas idosas experimentam a velhice com um profundo sentimento de solidão e um senso de aprisionamento às limitações e vulnerabilidades impostas pela própria condição etária (Conceição et al., 2015).

4.0 Método

A pesquisa constitui uma atividade fundamental no campo científico, dedicada à construção de questionamentos e à exploração de múltiplos cenários, permitindo-nos compreender o mundo e acompanhar as transformações que moldam a

realidade ao nosso redor. Esse processo, que se desdobra tanto como prática teórica quanto como um mecanismo dinâmico vinculado ao pensamento e à ação, é central para a produção de conhecimento. Dessa forma, a pesquisa não apenas expande o saber, mas também se adapta às condições sociais que a motivam, refletindo as necessidades e desafios de cada época e contexto. As perguntas e problemas de investigação emergem, assim, de circunstâncias socialmente condicionadas, orientando o processo científico e impulsionando a criação de conhecimento novo e relevante (Madureira & Branco, 2001).

Nas Ciências Sociais, podemos dar destaque a pesquisa qualitativa, que desenvolve e analisa interpretações que não sejam apenas baseadas em aspectos mensurados. Tal método de pesquisa preza pelo nível da realidade, que por vezes, não consegue ser quantificado, sendo assim, ela trabalha com um universo de significados, motivações, interpretações, valores e entre outros (Minayo, 2016).

Com isso, a entrevista é utilizada como processo que possui a finalidade de obter informações de um indivíduo por meio de um roteiro de entrevista que busca analisar uma problemática central. Já a entrevista semiestruturada, sendo esta a utilizada neste projeto, busca compreender as experiências do entrevistado, por meio de respostas espontâneas mas que partem do foco principal proposto pelo pesquisador (Triviños, 1987).

4.1 Participantes

Para a realização desta pesquisa, foram selecionadas, quatro mulheres idosas, intituladas nessa pesquisa com os nomes fictícios; *Dona A*, *Dona P*, *Dona M* e *Dona R*, de diferentes pertencimentos étnico-raciais e de diferentes idades como apresentado na tabela 1, na faixa etária entre 60 e 70 anos. Através do contato da

pesquisadora com uma Instituição de caridade religiosa de Valparaíso - Goiás, será possível o encontro com tais participantes.

Tabela 1

Caracterização das Participantes

Participante	Sexo	Idade	pertencimentos étnico-raciais
Dona A	Feminino	65	
Dona P	Feminino	70	
Dona M	Feminino	62	
Dona R	Feminino	68	

4.2 Materiais e Instrumentos

Em relação aos materiais, foram utilizados um notebook para a elaboração do roteiro de perguntas (Anexo 3) e um gravador de celular para o registro das entrevistas e posteriores transcrições.

Os instrumentos utilizados foram: um roteiro de perguntas (Anexo 3) e o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido) (anexo 1) para a leitura e autorização voluntária das participantes e o Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura (Anexo 2)

5.0 Procedimentos de construção de informações

Primeiramente, para a realização desse projeto, foi necessário a sua submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro Universitário de Brasília - CEUB, recebendo como CAAR o número 81170024.8.0000.0023.

Ademais, foram coletados os dados na Instituição de Caridade Religiosa que as participantes frequentam, como apresentado anteriormente.

Esta Instituição foi escolhida através da participação voluntária da pesquisadora nos encontros com as idosas, no primeiro semestre de 2024. Importante ressaltar que foi apresentado o Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura (Anexo 2) para o Diretor da Instituição, com o intuito de formalizar o consentimento a respeito do uso do local para a pesquisa.

Para o momento da entrevista, foi reservado um dia e horário na agenda tanto das participantes quanto da pesquisadora, preferencialmente aos domingos, na própria instituição de caridade religiosa onde ocorre os encontros destas idosas, para suas atividades. Foi salientado para cada participante que o momento da entrevista deveria ser reservado especificamente para aquela dinâmica sem que compromissos ou pessoas externas atrapalhasse a condução da mesma.

Em primeiro lugar, foi apresentado e explicado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, e sua importância para a proteção dos dados, sigilo e ética da pesquisa, nesse momento a pesquisadora começou a gravar o áudio da entrevista com o gravador do seu celular para confirmar o consentimento das participantes a respeito da pesquisa, além de dar espaço para que as entrevistadas tirassem possíveis dúvidas.

No dia do encontro, as participantes foram apresentadas a um roteiro da entrevista semiestruturada, relacionado com o objetivo da pesquisa, sendo este, a influência do processo de envelhecimento nas relações familiares de mulheres idosas de Brasília. As entrevistas foram realizadas no formato presencial e individualmente, com duração em média entre 35 a 45 minutos a depender de cada participante. No momento do encontro a pesquisadora apresentou verbalmente, uma

breve orientação sobre como a entrevista iria decorrer, sobre o uso do gravador, e como elas, como participantes, poderiam ter liberdade e espontaneidade em desenvolver suas respostas, sem uma necessidade rigorosa de seguir a ordem do roteiro apresentado.

5.1 Procedimentos de análise

É notório enfatizar que o processo de análise e interpretação em uma pesquisa qualitativa tem como objetivo conseguir explorar e identificar representações e reflexões sociais sobre o assunto investigado. Compreender tal perspectiva é essencial para considerar, que durante a análise e investigação, houve diversidades de opiniões e crenças que foram organizadas de acordo com cada grupo social, dentro da pesquisa (Minayo, 2016).

No presente projeto foi utilizado a Análise de Conteúdo, que tem como uma de suas principais funções analisar e compreender para além do que está sendo exposto por meio da comunicação (Bardin, 2011). Para análise deste projeto, foram utilizadas as seguintes etapas: primeiramente será feita a decomposição dos materiais, tanto com a transcrição das entrevistas, como com a seleção do referencial teórico. Logo em seguida, esses materiais foram distribuídos em categorias para que posteriormente seja realizada a construção das descrições dos resultados de cada uma. Por fim, foram realizadas algumas interferências nos resultados e na sua interpretação com o auxílio do material teórico (Gomes, 2016).

6.0 Resultados e Discussão

A seguir serão apresentados os resultados e discussão que foram construídas na pesquisa. Desse modo, após a realização das entrevistas e de suas

respectivas transcrições, a pesquisadora separou e organizou as temáticas abordados nas falas das participantes e os estruturou em três categorias diferentes (tabela 2) , seguindo o estilo de Análise de Conteúdo de Bardin, (1997), sendo elas: Solidão e Autonomia na visão de Mulheres Idosas: A Intersecção entre Relações familiares e o abandono afetivo, Luto e suas Implicações no Envelhecimento e Questões de gênero, raciais e a construção da identidade por parte das mulheres na terceira idade.

Além disso, a pesquisadora criou quatro nomes fictícios, como os apresentados na Tabela 1, para identificar as participantes sem que houvesse uma quebra de sigilo.

Tabela 2

Resultados por categorização semântica e temática.

Categoria	Frequência	Unidade de Registro	Unidade de Contexto
Solidão e Autonomia na visão de Mulheres Idosas: A Intersecção entre Relações familiares e o abandono afetivo	18	“Eu sempre fui muito ativa ”	“Eu sempre fui muito ativa, então, de repente, ver meus filhos assumindo as responsabilidades. .. isso foi um choque.”
Luto e suas Implicações no Envelhecimento	12	“E depois da perda do meu filho.”	E depois da perda do meu filho, o `J`.. isso mexeu com todo mundo.

Ele era muito próximo de mim, e, de certa forma, eu acabei me afastando emocionalmente dos outros filhos depois disso.”

Questões de gênero, raciais e a construção da identidade por parte das mulheres na terceira idade

8 “ Eu sinto que ao envelhecer.”

” Eu sinto que ao envelhecer, fui ficando mais invisível, principalmente por ser uma mulher negra. Antes, pelo menos no trabalho, tinha meu espaço... agora, mesmo lá, parece que perdi minha voz.”

Solidão e Autonomia na visão de Mulheres Idosas: A Intersecção entre Relações familiares e o abandono afetivo

Durante o processo de envelhecimento, existem diversos obstáculos que podem surgir para cada indivíduo, contudo, um certo empecilho em comum se destaca na jornada enfrentada pelas pessoas que se encontram adentrando essa fase do ciclo da vida: a chegada da solidão (Bento e Pereira, 2021). Para

conseguirmos analisar melhor e contextualizar a necessidade de uma adaptação emocional diante da solidão que aparece na falas dessas idosas, é importante compreendermos, como é evidente, a sensação que essas mulheres sentem, de desconforto e invasão dentro da vida de seus familiares e com isso deduz que para “bem de todos” e melhor ela não “incomodar” e com isso se isolar (McGoldrick et al., 2016).

“Sinto que, com o tempo, os amigos foram se afastando, alguns já faleceram, e é difícil manter contato com os poucos que restaram.”
(Dona A, 65)

O envelhecimento é um processo natural e que demanda tanto um suporte emocional quanto social. Sendo assim é essencial destacar a importância da rede de apoio, como facilitadora, em minimizar e facilitar os impactos que essa solidão e isolamento podem causar para esta idosa. Ao mesmo tempo, é possível perceber uma lacuna entre teoria e a prática, visto que muitas das participantes mencionaram a falta de um suporte eficaz para lidar com essa solidão (Alves et al, 2021).

Os desafios que se manifestam nessa fase da vida de uma mulher idosa são vários e podem apresentar impactos tanto sociais como psicológicos. São perdas e lutos, não só de entes queridos ou pessoas que passaram por suas vidas, mas também de questões pessoais como a sua própria autonomia. Entender de que maneira essas perdas impactam nas questões emocionais e cognitivas é um aspecto central para a qualidade de vida dos idosos (Alves et al., 2021). Na entrevista, as participantes mencionaram o desejo de manter a independência, mas também a percepção de que, com a idade, a dependência dos outros se torna inevitável. Uma participante disse:

“Eu sempre fui muito independente, mas agora, com meus filhos por perto, sinto que não posso fazer as coisas do meu jeito. Eles querem decidir tudo por mim.” (Dona P, 70)

É possível perceber uma certa tensão, comum no processo de envelhecimento, entre o desejo de manter o controle sobre a própria vida e a realidade das limitações físicas e cognitivas que surgem com o tempo. Conjuntamente, nota-se a importância de promover a autonomia do idoso, oferecendo suporte sem retirar sua capacidade de tomar decisões (Brasil, 2006). A sobreposição entre o apoio familiar e a perda de independência emocional é um ponto crítico discutido por Carter e McGoldrick (1995), que afirmam que, no ciclo de vida familiar, o envelhecimento dos pais muitas vezes coloca as famílias em uma posição de "redefinição de papéis".

É inevitável destacarmos como a solidão é um fator predominante nessa fase, e como juntamente a ela o isolamento social se manifesta em momentos dos quais esta mulher idosa se sente desvalorizada ou sem controle sobre suas decisões. Quando falamos sobre autonomia, não mencionamos apenas as decisões práticas, como escolher onde morar ou como gastar o dinheiro, mas também se estende ao espaço psicológico de sentir-se ouvida e respeitada (Bento e Pereira 2021). A participante que menciona a interferência dos filhos nas suas decisões, expressa essa falta de controle emocional, o que se alinha ao conceito de "abandono afetivo inverso", explorado por Balak e Ningeliski (2020), em que os filhos, ao assumirem responsabilidades pelos pais, inadvertidamente retiram deles a capacidade de se autorregular emocionalmente.

Com isso, são cenários e comportamentos que fazem com que aquele indivíduo, que já está se adaptando a um novo estilo de vida, se sinta cada vez mais

impotente não só pela indiferença familiar como também pela social. A percepção social do envelhecimento é uma construção cultural, que influencia diretamente como estas mulheres idosas se veem e como os outros as observam. A realidade social que nos cerca possui como sua base uma construção por meio da interação e de um reconhecimento mútuos entre indivíduos, o que, no caso destas idosas, pode resultar em uma estigmatização e marginalização (Berger e Luckmann, 1999).

“As pessoas te olham diferente quando você envelhece, como se você fosse invisível. Não te chamam mais para as coisas, não te escutam como antes.” (Dona M, 62)

Ao analisarmos esta fala de uma das participantes, é possível perceber o fenômeno de envelhecimento como uma espécie de exclusão social, da qual as pessoas envolvidas são retiradas e perdem o seu espaço de destaque dentro das interações sociais. A concepção de que a velhice é algo a ser evitado ou corrigido é cada vez mais reforçada por meio das representações midiáticas, que frequentemente desvalorizam os idosos (Castello, 2022).

Nesse contexto, a teoria da construção social de Berger e Luckmann (1999) é essencial para entender como a percepção do envelhecimento é moldada pelas interações diárias e pelas normas culturais. A invisibilidade mencionada pela participante é um reflexo de uma sociedade que valoriza a produtividade e a juventude, relegando os idosos a uma posição periférica. Segundo Alves, Trindade e Rocha (2021), o papel do psicólogo é trabalhar com esses indivíduos para reconstruir sua autoimagem e ajudá-los a reintegrar-se de forma significativa nas relações sociais e familiares.

É evidente que toda essa reconstrução abrange também a participação da família e da sociedade como um todo. Quando falamos sobre o ciclo de vida

familiar, estamos destacando que, à medida que os pais envelhecem, existe uma certa reconfiguração das relações familiares, onde o foco deveria ser manter o respeito e a dignidade dos idosos. Entretanto, é comum perceber, como essa reconfiguração vem paralela de um etarismo e distanciamento, como evidenciado pelas falas das participantes (Carter e McGoldrick, 1995).

Ao analisarmos esta categoria é notório como a velhice possui diversas questões que impactam tanto socialmente como emocionalmente estas mulheres idosas. O sentimento de inutilidade e perda de valor social, por exemplo, foi um dos pontos mais recorrentes nas falas das participantes.

“Agora que estou aposentada, parece que não tenho mais importância.

Às vezes, me pergunto qual o meu lugar no mundo.” (Dona R, 68)

A partir daqui, pode-se compreender como os papéis sociais criados ao longo da vida do indivíduo tornam-se extremamente reforçadores. Esses papéis, como o profissional, conferem sentido e direção à existência, sendo fundamentais para a construção da identidade pessoal. No entanto, quando tais papéis são retirados, a pessoa pode enfrentar dificuldades para assimilar sua nova função na sociedade, o que frequentemente resulta em uma crise de identidade (Berger & Luckmann, 1999).

Outro aspecto extremamente relevante para tal discussão é o relato da participante sobre a perda de identidade, que não se limita ao aspecto profissional, mas também envolve as limitações físicas. Ela descreve sentir-se cada vez mais “frágil” e diferente de como costumava se lembrar ser. Esse efeito relatado evidencia uma das maiores dificuldades enfrentadas no envelhecimento: a percepção de que o corpo não mais consegue ou acompanha a vontade do indivíduo (Filippin & de Castro, 2021).

Paralelo a isso, quando a participante apresenta esta fala de invisibilidade, conseguimos identificar um reflexo claro do etarismo. Este termo é utilizado para descrever o preconceito baseado na idade do indivíduo, o que gera uma série de conflitos e exclusões sociais. É perceptível como a sociedade tende a excluir pessoas mais velhas e esse tipo de discriminação impacta diretamente a autoestima e a saúde emocional destes indivíduos podendo resultar em até uma marginalização sistemática (Butler 1969).

"Eu trabalhei a vida toda, criei minha família, mas agora parece que não tenho mais um papel importante." (Dona A, 65)

Novamente, podemos destacar na fala de umas das participantes, um indicativo claro do silenciamento da velhice, efeito esse que mostra a negligência que a sociedade, por vezes, pode apresentar com esses indivíduos e suas singularidades, considerando-os fora do ciclo produtivo e, portanto, invisíveis, dentro de uma sociedade que tem como maior critério de valor pessoal, o trabalho (Rosa e Vilhena, 2016).

Assim, foi possível observar pela fala das participantes, a maneira como a velhice carrega consigo diferentes tipos de perdas e questionamentos. Percebe-se neste período da vida, um indivíduo mais apto e aberto a refletir sobre suas decisões e comportamentos realizados ao longo da vida. Com isso, é inevitável que sentimentos como culpa e arrependimento não sejam encontrados quando estas idosas se veem dispostas a revisitar suas trajetórias individuais (Lessa, 2021).

"Antes, parecia distante, agora está cada vez mais perto, você vê amigas, pessoas queridas, familiares que te acompanharam na sua vida indo embora, morrendo e você fica e isso é muito estranho, e o

ciclo da vida mas, parece que não é normal ficar esperando a sua hora de ir, eu acredito em Deus e sei que ele vai estar comigo sempre, mas com isso também vem o medo. O medo de não ter feito o suficiente, de ter deixado tantas coisas inacabadas com a minha família. Esse sentimento de arrependimento e culpa pesa muito.” (Dona P, 70)

A partir deste depoimento, podemos ver como, para esta idosa, a ideia de ser confrontada com suas ações e decisões do passado causa uma certa sensação de desconforto e nostalgia, como se pudesse ter sido feito mais e agora, esta mulher idosa, se sente impotente e culpada. Essa reflexão pessoal da participante também pode ser influenciada pela construção social das expectativas em relação aos papéis familiares, que analisamos anteriormente, e como essa culpa também vem de uma resposta às normas sociais que exigem uma determinada função as mulheres, mesmo devido à ausência de condições físicas, econômicas ou sociais se sentem negligentes por não alcancem tais expectativas (Gergen 1985).

Foi perceptível ao longo deste projeto, a maneira como o ciclo de vida familiar, e suas relações familiares, passam por modificações à medida que os membros envelhecem, e os pais que a priori foram os cuidadores, se tornam dependentes de seus filhos. Essa inversão de papéis, em certos contextos, podem gerar sentimentos de culpa e frustração, tanto nos idosos quanto em seus filhos (McGoldrick, et al., 2016).

Quando discutirmos sobre as inúmeras ramificações de vínculos e cuidados que uma família possui, o conceito de interdependência, também é importante para entender essa dinâmica. Embora, tais relações familiares sejam vistas, tradicionalmente como a principal rede de apoio, a dependência excessiva pode ser

percebida como um fardo, tanto para quem cuida quanto para quem é cuidado. Esse dilema aparece na fala da Dona A, que não quer sobrecarregar os filhos, mas ao mesmo tempo reconhece sua crescente dependência (Fiorini e Guisso, 2016).

Eu sei que estou ficando mais velha, mas é difícil depender dos meus filhos. Eles têm suas próprias vidas e não quero ser um peso.

A dinâmica das relações familiares e suas distribuições e organizações de papéis para cada membro, é essencial para definir como esse envelhecimento irá se desenvolver, seja de maneira positiva ou negativa. O ciclo vital da família brasileira, envolve uma complexa rede de apoio intergeracional, o que representa, frequentemente, os pais dependendo dos filhos adultos para o apoio emocional e financeiro (Couto et.al, 2008).

A perspectiva sistêmica da terapia familiar, auxilia os indivíduos a compreenderem melhor essa situação, pois considera as interações familiares como uma rede complexa de relações e papéis que estão sempre mudando. Essa visão de dependência que a família acaba constituindo em relação ao idoso começa a impactar negativamente não só a dinâmica familiar como também a autopercepção do indivíduo (Ferreira et al, 2019).

A mudança nas dinâmicas familiares são recorrentes ao longo dos anos, uma das participantes menciona como existia uma maior proximidade com seus filhos, mas que, com o passar do tempo essa relação se distanciou, deixando-a com uma sensação de perda e afastamento. Esse efeito pode ser explicado pela teoria do ciclo vital familiar que expressa a existência das diversas transições familiares ao longo dos anos.

“ (...) é como se a gente tivesse se afastado ao longo dos anos, e eu

não sei bem o porquê”. (Dona P, 70)

Essa fala evidencia esse sentimento de desconexão que segundo a perspectiva sistêmica, não é necessariamente culpa de uma única parte, mas sim uma consequência das mudanças nas dinâmicas familiares e dos papéis desempenhados ao longo dos anos (Costa, 2010).

Luto e suas Implicações no Envelhecimento

Paralelo a isso, um dos grandes desafios emocionais que estas idosas enfrentam neste novo ciclo são os recorrentes casos de lutos de amigos e familiares ao seu redor. Uma participante compartilhou:

“Perdi meu marido há cinco anos e, desde então, tudo mudou. Ele era meu companheiro de vida, e sinto que não vou conseguir superar essa dor.” (Dona M, 62)

Para conseguirmos compreender da melhor forma a mensagem que esta participante expressa, precisamos analisar o conteúdo emocional e explorar os significados que são colocados a essas perdas (Bardin 2011). Vivenciar um luto é um processo complexo e singular, seja qual for a idade daquele que o experiencia, contudo, no envelhecimento esse fator pode ser mais prolongado e profundo, pois envolve não apenas a ausência do ente querido, mas também a percepção de que se está cada vez mais próximo da própria finitude (Bento & Pereira, 2021).

A perda por viuvez pode ser vista como uma das mais recorrentes, normativas e, simultaneamente, uma das menos investigadas. Geralmente afetam com mais predominância a população feminina, e que por consequência, impactam diretamente em suas identidades pessoais, que se vê desafiada a construir novas

orientações para significar a perda e, com isso, em elaborar novas estratégias práticas do viver diário (Silva & Ferreira-Alves, 2012).

Durante as entrevistas foi possível identificar perdas, não só de amigos ou maridos como também de filhos, o que gera uma necessidade em entender melhor as implicações emocionais e sociais, com o fato de uma mãe perder seu filho.

“E depois da perda do meu filho, o `J`.. isso mexeu com todo mundo. Ele era muito próximo de mim, e, de certa forma, eu acabei me afastando emocionalmente dos outros filhos depois disso. Não sei explicar, é como se a gente evitasse falar sobre certos sentimentos, como se fosse mais fácil não tocar nesse assunto. Acho que a comunicação se perdeu um pouco com o tempo. Não é normal fia, um filho ir primeiro que sua mãe” (Dona R, 68).

A fala de uma de nossas participantes expressa a complexidade do luto vivenciado por uma mãe, um evento que tem o poder de transformar de maneira irreversível a dinâmica de vida daquele indivíduo enlutado, que busca, após a perda de um ente querido, formas de redirecionar sua vida sem a sua presença, enquanto passa por uma série de fases de desorganização e reorganização emocional (Parkes, 1998).

O sentimento de vazio e solidão emocional é recorrente em vítimas do luto (...)“não havia espaço para que eu parecesse fraca”. Ainda dentro da fala da Dona R, nota-se essa ideia do luto interdito, em que o enlutado se vê impedido, seja por questões sociais ou familiares de se expressar dentro do seu sofrimento. Essa interdição do luto pode estar relacionada ao papel que ela desempenhava na

família, talvez como uma figura de força e resiliência, e à falta de suporte emocional adequado (Fukumitsu, 2018).

Tal inibição do luto, quando experienciada, pode proporcionar implicações psicológicas sérias ao enlutado. Com isso, quando analisamos a relação entre mãe e filho, muitas vezes, apresentam conexões significativas e profundas, o que, certamente, torna a perda de um filho, singularmente mais desafiadora para a adaptação emocional. Relativizarmos esse vínculo materno, é essencial para conseguirmos compreender a intensidade do sofrimento da participante e sua dificuldade em “seguir em frente” (Bowlby, 1980).

“(...) Ele era muito próximo de mim, e, de certa forma, eu acabei me afastando emocionalmente dos outros filhos depois disso. Não sei explicar, é como se a gente evitasse falar sobre certos sentimentos, como se fosse mais fácil não tocar nesse assunto.” (Dona R, 68)

Além das questões e repercussões emocionais, o luto também gera impactos sociais significativos. Uma participante relatou que, após a morte de seu filho, ocorreram mudanças nas dinâmicas familiares, evidenciando como o luto no contexto do envelhecimento pode desestabilizar a estrutura familiar. Esse processo é ainda agravado pela sensação de isolamento e pela redução da rede de apoio, intensificando a vulnerabilidade da mulher idosa em luto (Fiorini & Guisso, 2016).

“(...)ja nao bastava a morte do meu filho eu ainda tinha que ouvir que eu era uma péssima mãe e escutar sermão no meio do velório, tem gente muito cruel nesse mundo. Não poder ter feito nada para salvar meu filho só me fez perceber como a velhice tinha me pegado, tanto fisicamente quanto psicologicamente.” (Dona, M, 62)

O impacto desse relato, apenas nos exemplifica como por vezes, a velhice na experiência singular de cada indivíduo pode causar discussões que vão para além de dificuldades em acompanhar a nova era digital, mas sim em conseguir acompanhar perdas e conviver com sentimentos que evocam culpa e frustração, como vimos na fala de uma das idosas entrevistadas. A sensação de responsabilidade pela morte do filho é notória, e pode ser analisada como um efeito comum no luto parental. Dentro disso, o enlutado busca cada vez mais explicações para a sua perda, adentrando assim, sem perceber, em um luto ambíguo, do qual o dificulta a vivenciar esse processo de reorganização emocional (Rando, 1985).

A perda de um filho pode levar a um ciclo de isolamento, tristeza e, em alguns casos, ao desenvolvimento de condições psicológicas como depressão e ansiedade, especialmente entre mães idosas. O envelhecimento já é acompanhado de um sentimento de inutilidade social, e a perda de um filho agrava essa percepção de invisibilidade e desvalorização, colocando essas mães em uma situação ainda mais delicada emocionalmente. Elas muitas vezes se veem sem um papel claro na sociedade ou na família, perdendo o que pode ter sido uma das principais fontes de significado em suas vidas (Lessa, 2021).

Com isso, dentro de todos esses desafios que emergem em um processo de luto na velhice, é importante que aos poucos o enlutado busque compreender a integração da perda como uma parte da sua própria história de vida. Desse modo, com o auxílio de uma rede de apoio segura e afetiva é possível criar, aos poucos, novos significados à vida sem o ente querido, facilitando assim na reestabilização daquele indivíduo em sua dinâmica social (Parkes, 1998).

Por fim, o envelhecimento emocional desafia os indivíduos a reestruturar sua forma de se relacionar com o mundo e consigo mesmos. A análise desses relatos aponta que as intervenções psicológicas precisam focar na ressignificação das perdas, no fortalecimento de laços sociais e no desenvolvimento de um autocuidado emocional. O envelhecimento não deve ser visto apenas como uma fase de perdas, mas como uma oportunidade para novas descobertas e adaptações, conforme a literatura aponta (Alves, et al., 2021).

Questões de gênero, raciais e a construção da identidade por parte das mulheres na terceira idade

O envelhecimento das mulheres é permeado por questões de gênero e raça que influenciam de forma significativa a construção de suas identidades na terceira idade. Estudos contemporâneos mostram que as mulheres idosas enfrentam desafios que vão além das questões biológicas do envelhecimento, incluindo a pressão social para se conformar a ideais de gênero e enfrentamento do racismo ao longo da vida, que se manifestam de forma ainda mais intensa nesta fase. Essas questões impactam diretamente a percepção de si e o espaço que essas mulheres ocupam na sociedade (Ferreira & Diniz, 2020).

Tal envelhecimento feminino carrega desafios específicos que se relacionam às expectativas sociais de cuidado e à invisibilidade na velhice. Bacelar et al. (2021) discutem como o gênero influencia a experiência do envelhecimento, sendo as mulheres frequentemente colocadas em uma posição de cuidadoras ao longo da vida, mas sem receber o mesmo cuidado em retorno. A fala de uma das participantes ilustra essa questão:

"Eu cuidei de todo mundo a vida inteira, mas agora parece que ninguém tem tempo para cuidar de mim." (Dona P, 70)

Essa declaração demonstra o impacto das construções de gênero no ciclo de vida. As mulheres, historicamente, ocupam o papel de cuidadoras, o que, na velhice, muitas vezes resulta em uma expectativa implícita de que devam continuar cuidando dos outros, mesmo quando elas mesmas precisam de cuidado (Bacelar et al., 2021). Esse padrão pode ser visto como uma segunda invisibilidade, onde as mulheres idosas são negligenciadas em suas próprias necessidades.

Dona M, uma das participantes, por exemplo, traz um ponto interessante quando compara o tratamento que ela recebe em relação ao seu marido, mencionando que ele, apesar de também estar envelhecendo, é visto de forma mais positiva por sua aparência grisalha, enquanto ela é criticada por não manter a mesma vaidade de antes. Essa diferença reflete o conceito de "feminização da velhice", discutido por Monteiro e Rocha (2017), que aponta como as mulheres idosas são frequentemente marginalizadas ou julgadas de forma mais severa do que os homens em questões de envelhecimento.

Além disso, Bacelar et al. (2021) apontam que as mulheres, ao envelhecerem, podem enfrentar desafios relacionados à desvalorização de seu papel social, especialmente em uma sociedade que valoriza mais a juventude feminina. Este ponto é reforçado pela fala da participante, que revela a intersecção entre envelhecimento e gênero, mostrando como as expectativas sociais influenciam a experiência de envelhecer. Uma das mulheres idosas, traz um pouco de como essa negligência social a afeta:

"Eu me sinto sem valor, como se eu não tivesse mais utilidade agora que não sou mais a pessoa que faz tudo por todos. (.....) agora que estou mais velha, sinto que as pessoas não me veem mais como uma mulher, só como uma velha." (Dona A, 65)

Esse trecho exemplifica o que Susan Sontag (2019) chama de complexo de juventude na sociedade ocidental, onde mulheres são valorizadas principalmente pela aparência e pela capacidade produtiva. Esse depoimento confirma as análises sobre como o envelhecimento feminino frequentemente é visto sob uma ótica de fragilidade e inutilidade, reforçando padrões patriarcais que continuam a pressionar as mulheres idosas a manterem aparências jovens.

Assim, as mulheres enfrentam maior vulnerabilidade na velhice, não apenas em termos econômicos, mas também em relação à invisibilidade social. Tais idosas muitas vezes, são reduzidas ao valor de sua aparência, uma perspectiva que se intensifica com o avanço da idade. Logo, o envelhecimento feminino se vê marcado por uma dupla marginalização: ser mulher e ser idosa (Magalhães & Nogueira, 2021).

Esse tratamento desigual está enraizado em normas de gênero que valorizam a juventude e a beleza nas mulheres, enquanto, nos homens, o envelhecimento muitas vezes é associado à sabedoria ou ao "charme". Dona M percebe essa diferença quando diz: "Para o meu marido eu vejo um olhar de compressão... e eu? Não dei duro na minha vida?" Essa fala ecoa o que hooks (2005) descreve como a luta das mulheres para manterem sua dignidade e auto imagem em uma sociedade que privilegia padrões de beleza e juventude.

Um aspecto recorrente nas falas das entrevistadas é a experiência diferenciada do envelhecimento entre homens e mulheres. Como ressaltado por Madureira (2010), às questões de gênero estão profundamente imbricadas nas construções sociais da identidade e na forma como a velhice é vivenciada. Dona R comentou:

"Depois que envelhecemos, é como se o valor da mulher fosse reduzido. Parece que nossa aparência é o que mais importa, e quando essa aparência muda, perdemos visibilidade."(Dona R, 65)

Gomes et al. (2014) discutem que o pensamento sistêmico sobre o envelhecimento aponta para a necessidade de ver o indivíduo em seu contexto social e relacional. Nessa linha, a fala da participante sugere que o processo de envelhecimento é influenciado pelas normas sociais de gênero, que ditam padrões diferentes para homens e mulheres. Enquanto os homens são mais valorizados por sua sabedoria e experiência, as mulheres são frequentemente avaliadas com base em sua aparência física e capacidade reprodutiva.

Essa diferença pode ser interpretada dentro do paradigma do construcionismo social (Gergen, 1985), que sugere que as construções de gênero e idade são produtos das interações sociais e dos discursos que moldam o que é "ser velho" e "ser mulher". Portanto, a sociedade reforça papéis que invisibilizam a mulher idosa, como evidenciado no trecho da entrevista.

Além de todos os aspectos, já mencionado, sobre os impactos de ser mulher e ser idosa. Dona P, ao discutir suas experiências, trouxe outra questão à tona:

"Como mulher negra, sinto que o envelhecimento para nós é mais difícil. Além de todas as questões da velhice, há o preconceito. Não nos veem da mesma forma que veem as mulheres brancas." (Dona P, 70)

Essa fala destaca a interseccionalidade do envelhecimento, gênero e raça e como o racismo estrutural ainda é extremamente evidente. Silva e Chariglione (2023) abordam como as mulheres negras enfrentam uma continuidade histórica da opressão racial e como essa herança escravocrata afeta o envelhecimento dessas mulheres. Além do fato de que, o racismo, é o principal agravante para o isolamento social das mulheres negras idosas, que frequentemente sofrem discriminação múltipla: pelo gênero, pela raça e pela idade. (Rabelo et al, 2018)

Segundo Parker (1991), os corpos negros são marcados por estereótipos sociais que limitam sua visibilidade e reconhecimento social. No contexto do envelhecimento, essas marcas sociais se somam à invisibilidade da velhice, resultando em uma experiência profundamente solitária e marginalizada. Essa invisibilidade pode ser lida também à luz das reflexões de Hooks (2005) sobre a opressão racial e a perda de agência nas mulheres negras. Dona P nos traz uma reflexão em sua fala, que retrata de forma assertiva, o que foi abordado em teoria;

" Eu sinto que ao envelhecer, fui ficando mais invisível, principalmente por ser uma mulher negra. Antes, pelo menos no trabalho, tinha meu espaço... agora, mesmo lá, parece que perdi minha voz." (Dona P, 70)

Esse relato exemplifica o impacto da "tripla opressão"; gênero, raça e idade , conforme abordado em estudos recentes sobre a marginalização das mulheres negras idosas. A invisibilidade sentida por essa participante reflete o conceito de

"dupla opressão", discutido por autores como Patrícia Hill Collins (2019), que destacam como mulheres negras frequentemente enfrentam estigmas acumulados ao longo da vida, intensificados na velhice. Dona R que também é uma mulher negra se identificava com a dificuldade social que existe em ser aceita e como é necessário uma luta constante pessoal e interna para encarar tais desafios.

“Agora, tento aceitar as marcas que o tempo me deu, mas nem sempre é fácil. É uma luta para lembrar a mim mesma que ainda tenho valor, apesar das rugas, dos cabelos brancos e da pele retinta.” (Dona R, 68)

Este relato é um exemplo de resistência e de autoaceitação em meio a uma sociedade que valoriza não só a juventude, como também a branquitude. A partir dessa fala, observamos a importância de narrativas de resiliência e a necessidade de romper com os estereótipos que diminuem o valor das mulheres idosas, um tema amplamente abordado por Gullette (2020) e outros autores contemporâneos que investigam o empoderamento feminino na terceira idade.

No caso de mulheres brancas, embora também lidem com as pressões do envelhecimento, há uma maior aceitação social em algumas culturas em relação à sua velhice. Contudo, as experiências de discriminação de gênero continuam a afetar suas identidades, especialmente em contextos em que as narrativas sociais valorizam juventude e aparência física. Mulheres frequentemente enfrentam preconceitos ligados à imagem de “fragilidade” ou “inutilidade”, influenciando como se percebem e participam da sociedade na terceira idade (Sontag, 2019).

Quando analisamos a vivência de mulheres negras, soma-se o impacto do racismo estrutural, que agrava as dificuldades para a construção de uma identidade

positiva e reforça a marginalização ao longo da vida, muitas vezes resultando em menores oportunidades socioeconômicas e profissionais (Gomes & Santos, 2021). Com isso, diferente da mulher branca na terceira idade, que é vista como frágil e dependente, a mulher negra é colocada em uma posição de independência extrema e reforçada a manter a constância no trabalho braçal para garantir uma velhice com dignidade. Nas entrevistas realizadas, observamos relatos que expressam essas experiências de maneira muito viva, Dona R acrescenta:

"Eu percebo que, ao longo dos anos, as oportunidades foram diferentes para mim e para minhas amigas que não são negras. A gente carrega uma luta que não para nem na velhice." (Dona R, 68)

Este depoimento exemplifica o que Harris (2020) descreve como a “herança do preconceito”, onde as mulheres negras enfrentam não só o estigma da idade, mas também as marcas de uma sociedade que as discrimina desde a juventude. A persistência desses preconceitos torna a terceira idade ainda mais desafiadora, impactando sua autoconfiança e o modo como percebem seu lugar na sociedade.

Além disso, a construção da identidade feminina na terceira idade é afetada por expectativas de gênero que associam o envelhecimento das mulheres a limitações de autonomia e de decisão, restringindo-as aos papéis de avós e cuidadoras, onde seus desejos e individualidade são negligenciados (Falcke & Wagner, 2019). Esta ideia é reforçada na fala da Dona A:

"Às vezes sinto que esperam que eu seja só a avó e não a pessoa que sou, com sonhos e vontades." (Dona A, 65)

A perspectiva de transgeracionalidade também se torna relevante ao analisar como questões de gênero e raça são transmitidas entre gerações e impactam a identidade dessas mulheres na terceira idade. Falcke e Wagner (2019) sugerem que a transmissão de valores, histórias e vivências contribui para a manutenção de papéis de gênero e raciais que limitam as escolhas e a liberdade dessas mulheres. Em uma das entrevistas, a Dona M:

"Minha mãe sempre me dizia que eu tinha que ser forte, aguentar tudo. Eu fui criada para cuidar dos outros, mas às vezes queria só que alguém cuidasse de mim." (Dona M, 62)

Este depoimento reforça a ideia de que a construção da identidade das mulheres idosas é fortemente influenciada pelos valores e crenças familiares transmitidos ao longo das gerações, que perpetuam a ideia de resistência e subordinação ao papel de cuidadora (Falcke & Wagner, 2019). Além das influências de gênero e raça, que moldam a maneira como essa mulher se enxerga como indivíduo, a sua relação e a sua a manutenção dos rituais familiares também desempenha um papel essencial na preservação da saúde mental dessas mulheres, na preservação da sua identidade e singularidade, uma vez que esses rituais proporcionam continuidade e pertencimento (Silva & Pereira, 2020).

Contudo, a ausência ou negligência desses rituais pode levar a um sentimento de desconexão e perda de propósito, especialmente na terceira idade, onde esses laços familiares são cruciais para o bem-estar. Dona M continua sua reflexão apresentando:

"Quando as reuniões de domingo pararam, parece que fiquei meio perdida, como se faltasse algo para me ancorar." (Dona M, 62)

Dessa forma, a construção da identidade das mulheres na terceira idade é moldada por uma complexa interação entre gênero, raça e contexto social. Esses fatores afetam profundamente o modo como elas se veem e se relacionam com o mundo, influenciando tanto sua autoestima quanto sua sensação de pertencimento. Ao reconhecer as especificidades dessas experiências, é possível desenvolver abordagens mais inclusivas e compreensivas para apoiar essas mulheres na construção de uma identidade que valorize sua trajetória e fortaleça seu lugar na sociedade.

Considerações finais

Logo quando abordamos sobre o envelhecimento feminino e os desafios emocionais e sociais que ele impõe, é evidente que a solidão, a perda de autonomia e o isolamento social são temas centrais que permeiam a experiência das mulheres idosas entrevistadas. Ao longo das falas, nota-se o impacto profundo da solidão, que é exacerbada tanto pela ausência de amigos quanto pelo distanciamento familiar, o que reflete em um isolamento não apenas físico, mas também emocional (Bento & Pereira, 2021).

A importância de se oferecer uma rede de apoio que preserve e valorize a autonomia dos idosos é fundamental, pois a perda de controle sobre as decisões próprias é frequentemente interpretada por eles como uma invasão à sua individualidade. Essa perda de autonomia, representa uma fonte de tensão entre o desejo de independência e as limitações impostas pela idade.

Além disso, a concepção social do envelhecimento é uma construção cultural que influencia diretamente como os idosos se percebem e são percebidos (Berger & Luckmann, 1999). A marginalização, sofrida por essas idosas, é ainda reforçada

pelo etarismo, que estigmatiza o envelhecimento e impacta negativamente a saúde emocional dos idosos (Butler, 1969). É fundamental que a sociedade reconheça e combata essas atitudes, promovendo uma inclusão social verdadeira e uma visão positiva sobre o envelhecimento.

A complexidade das relações familiares também emerge como um ponto importante, especialmente quando observamos a inversão de papéis entre pais e filhos. A dependência dos filhos pode gerar sentimentos de culpa e frustração, tanto para quem cuida quanto para quem é cuidado. (McGoldrick et al, 2016). A perspectiva sistêmica da terapia familiar sugere que é preciso compreender essas dinâmicas para promover uma convivência saudável e um envelhecimento positivo (Ferreira et al., 2019).

A pesquisa também aponta para a necessidade de estudos futuros sobre o envelhecimento, que poderiam focar na relação entre envelhecimento e identidade, buscando entender como o processo de perda de papéis sociais (como o papel profissional) impacta a autoimagem dos idosos. Pesquisas sobre as dinâmicas familiares, especialmente em contextos culturais diversos, poderiam também trazer mais insights sobre como a interdependência entre gerações pode ser fortalecida sem que resulte em um sentimento de “peso” para o idoso.

A relevância deste tema para a sociedade é inegável, pois estamos vivendo em uma sociedade que envelhece rapidamente. A importância de oferecer suporte psicológico e social para a população idosa, promovendo uma inclusão e valorização, é essencial para combater o isolamento e o sofrimento emocional que muitos enfrentam. Assim, este estudo contribui para o debate sobre o envelhecimento, destacando não só os desafios enfrentados, mas também a

necessidade de uma reavaliação das políticas sociais e familiares em prol de uma melhor qualidade de vida para mais mulheres idosas

6.0 Referências bibliográficas

Alves, K.S; Trindade , S.C; da Rocha, F.N. (2021) *Atuação do psicólogo no processo de envelhecimento*. Revista Mosaico, v.11, n.1, p. 99-104.

Bacelar, A. S., Campos, A. C., Santos, L. T., do Nascimento, T. B. P., & de Rezende, D. C. (2021). *Gênero e construcionismo social: Os desafios das mulheres na tecnologia da informação*. Revista de Administração IMED, 11(1), 1-23.

- Balak, J. G., & de Oliveira Ningeliski, A. (2020). *Abandono afetivo inverso: a responsabilidade civil dos filhos por abandono afetivo dos pais idosos*. *Academia de Direito*, 2, 1-24. Acesso em: 18 jun. 2023.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Editora Almeida Brasil. Edições 70, 229 p. São Paulo.
- Bento, R. P., & Pereira, A. L. G. (2021). *Recarregando as Baterias: solidão na fase do envelhecimento*. *Facit Business and Technology Journal*, 1(28).
- Berger, P. L., & Luckmann, T. (1999). *A Construção Social da Realidade*. Editora Vozes. Rio de Janeiro.
- Bowlby, J. (1980). *Attachment and loss: Vol. 3. Loss: Sadness and depression*. Basic Books.
- Brasil. (2006). *Envelhecimento e saúde da pessoa idosa*. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. (2006). Brasília.
- Butler, R. N. (1969). Age-ism: Another form of bigotry. *The Gerontologist*, 9(4), 243-246.
- Carter, B., & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. In (pp.6-29). Porto Alegre:Artmed.
- Castello, S.C.C. (2022) *Redes Sociais: Possível Recurso Educativo na Prevenção do Sofrimento Psíquico Associado aos Padrões Estéticos Hegemônicos Femininos?*. Monografia apresentada à FACES do Centro Universitário de Brasília - CEUB
- Cervený, C. M. O. (2001). *A Família como modelo: desconstruindo a patologia*. Campinas, SP: Livro Pleno.

Cervený, C., Berthoud, C. (2009). Ciclo vital da família brasileira. Em L.C. Osório, & M.E.P Valle, Manual de terapia familiar. V.1 Grupo A.

<https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788536318271/pageid/20>

Cervený, C. M. O. & Berthoud, C. M. E. (2002). Visitando a família ao longo do ciclo vital. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Conceição, M. I. G.; Costa, L. F.; Penso, M. A.; Fukuda, C.; Moura, M. G. (2015). *Alguns aspectos da organização e funcionamento da família brasileira*. Psicologia Clínica e Cultura Contemporânea 2, (p. 100-121).

Costa, L. F. (2010). A perspectiva sistêmica para a clínica da família. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 26, 95-104.

Couto, M. C. P., Prati, L. E., Falcão, D. V. D. S., & Koller, S. H. (2008). *Terapia familiar sistêmica e idosos: contribuições e desafios*. *Psicologia clínica*, 20, 135-152.

Ferreira, A. P. D. S. (2023). *Funcionalidade familiar em idosos: relação com o nível de atividade física e a autopercepção de saúde*. Trabalho de Conclusão de Curso II, do curso de Fisioterapia, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Ferreira, C. O., Guimarães, P. S. P., & da Cruz, S. A. (2019). *O Papel do Idoso na Sociedade Contemporânea*. Acesso em:
[https://sguweb.unicentro.br/app/webroot/arquivos/atsubmissao/O Papeel Do Idoso na Sociedade Contemporanea-. pdf](https://sguweb.unicentro.br/app/webroot/arquivos/atsubmissao/O%20Papel%20Do%20Idoso%20na%20Sociedade%20Contemporanea-.pdf)

Filippin, L. I., & de Castro, L. D. (2021). *A percepção do envelhecimento e seu impacto na saúde mental dos idosos*. *Brazilian Journal of Development*, 7(8), 78-430.

- Fiorini, M. C., & Guisso, L. (2016). *Teoria familiar sistêmica: retrospectiva história e perspectivas atuais*. *Psicologia: o portal dos psicólogos*, 139-144.
- Fukumitsu, K. O. (2018). *A dor da perda: Uma orientação para psicoterapeutas e enlutados*. Summus Editorial.
- Gergen, K. J. (1985). *The social constructionist movement in modern psychology*. *American Psychologist*, 40(3), 266-275.
- Gomes, R. (2016). *Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa*. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 72-95). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Gomes, L. B., Bolze, S. D. A., Bueno, R. K., & Crepaldi, M. A. (2014). *As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo*. *Pensando famílias*, 18(2), 3-16.
- Guimarães, I. G., & Carneiro, M. H. S. (2012). *Envelhecimento e Finitude - Qual a Representação da Morte?*. *Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento*, 17(1).
- Hooks, B. (2005). *Alisando o nosso Cabelo*. *Revista Gazeta de Cuba - União de escritores e artistas de Cuba*. Retirado do blog: coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html
- Lessa, C. R. M. (2021). *O envelhecimento na contemporaneidade: o papel do profissional de psicologia em uma sociedade que envelhece*. *Revista Longeviver*, 3(11), 63-91.
- Madureira, A. F. A. (2010). *Gênero, sexualidade e processos identitários na sociedade brasileira: tradição e modernidade em conflito*. Em A. L. Galinkin & C. Santos (Orgs.), *Gênero e Psicologia Social: interfaces* (pp. 31-63). Brasília: Tecnopolik.

- Madureira, A.F.A. e Branco, A. U. (2001). A pesquisa qualitativa em psicologia do desenvolvimento: questões epistemológicas e implicações metodológicas. *Temas psicol.* [online]. , vol.9, n.1, pp. 63-75.
- Magalhães, S. I., & Nogueira, C. (2021). *Envelhecimento, gênero e sexualidades*. FPCEUP - Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
<https://hdl.handle.net/10216/149081>
- McGoldrick, M., Garcia-Preto, N. A., & Carter, B. A. (2016). *Expanded family life cycle: Individual, family, and social perspectives* (5a ed.). Boston: Pearson.
- Minayo, M. C. S. (2016). O desafio da pesquisa social. Em M. C. S. Minayo (Org.), *Pesquisa social: teoria, método e criatividade* (pp. 9-28). Petrópolis – RJ: Vozes.
- Monteiro, Y. T., & Rocha, D. E. (2017). *Envelhecimento e gênero: a feminização da velhice*. UFMA. Recuperado de
<http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2017/pdfs/eixo6/envelhecimentoegeneroafeminizacaodavelhice.pdf>
- Moneiro, T. Y. (2023). *A Solidão da Mulher Negra em seu Desenvolvimento: uma análise através da literatura*. XI Jornada Internacional de Políticas Públicas. Cidade Universitária Dom Delgado. Acesso em:
https://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2023/images/trabalhos/trabalho_submissaoId_2853_2853648f3395a7cce.pdf
- Nogueira, C. (2001). *Contribuições do construcionismo social a uma nova psicologia do gênero*. *Cadernos De Pesquisa*, (112), 137–153.

- Nogueira, C. (2001). *Construcionismo social, discurso e gênero*. Psicologia: Revista da Associação Portuguesa de Psicologia, 15(1), 43–65.
- Nogueira, C., Neves, S., & Barbosa, C. (2005). *Fundamentos construcionistas sociais e críticos para o estudo do gênero*. Revista: Psicologia: teoria, investigação e prática". ISSN 0873-4976. 10:2 (2005) 195-209.
- Parkes, C. M. (1998). *Bereavement: Studies of grief in adult life* (3rd ed.). Routledge.
- Parker, R. (1991). *Corpos, prazeres e paixões: a cultura sexual no Brasil contemporâneo*. São Paulo: Editora Best Seller. [Capítulo: Homens e mulheres]
- Rabelo, D. F., S, J., Rocha, N. M. F. D., Gomes, H. V., & Araújo, L. F. (2018). *Racismo e envelhecimento da população negra*. Revista Kairós-Gerontologia, 21(3), 193-215.
- Rando, T. A. (1985). *Bereaved parents: Particular difficulties, unique factors, and treatment issues*. *Social Work*, 30(1), 19-23.
- Rocha, B. D. (2024). *O envelhecimento na contemporaneidade*. 52 f. Monografia (Graduação em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto.
- Rosa, C. M; Vilhena, J. (2016). *O Silenciamento da Velhice: Apagamento Social e Processos de Subjetivação*. Revista Subjetividades: Fortaleza, v. 16, n. 2, p. 9-
- Rosa, C. S., Castro, A., & Vidal, G. P. (2022). *Representações Sociais do Envelhecimento ao longo do Ciclo da Vida*. Revista de Psicologia da IMED, 14(2), 18-36.
- Rosolen, C.N. (2021). "Minha beleza não é efêmera": *Uma reportagem Longform Sobre A Representação Dos Corpos Nas Redes Sociais E O Impacto Na Autoimagem E*

Autoestima Das Mulheres. Trabalho de Conclusão de Curso. Repositório Institucional Uninter. Disponível em: <https://repositorio.uninter.com/handle/1/806>.

Santana, J. C., Furtado, V. C., Fhon, J. R. S., Santos N, A. P., de Lira, R., & de Lima, F. M. (2024). *Etarismo nos tempos atuais*. Epitaya E-books, 1(58), 11-22.

Silva, M. das D. F. da ., & Ferreira-Alves, J.. (2012). O luto em adultos idosos: natureza do desafio individual e das variáveis contextuais em diferentes modelos. *Psicologia: Reflexão E Crítica*, 25(3), 588–595. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722012000300019>

Silva, T.P, & Chariglione,S.F.P.I., (2023). *Envelhecimento de mulheres negras: reflexões sobre a continuidade histórica da herança escravocrata brasileira*. X Congresso Internacional de Envelhecimento Humano - CIEH. ISBN: 978-85-61702-73-1

Simão, C.N.L. (2020). *O Processo de Envelhecimento e seus efeitos psicossociais*. Trabalho de Conclusão de Curso. Instituição Centro Universitário Anhanguera de São Paulo.

Tomé, A. M., & Formiga, N. S. (2020). *Teorias e perspectivas sobre o envelhecimento: conceitos e reflexões*. Research, Society and Development, 9(7), e874974589-e874974589.

Triviños, A.N.S. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. Editora Atletas. São Paulo.

Ussyk, P. (2020). *Mulheres e o envelhecimento: Imagens arquetípicas da bruxa*. Trabalho apresentado no Congresso Internacional de Psicologia Analítica, São Paulo, Brasil. Disponível em: https://www.academia.edu/45469340/MULHERES_E_O_ENVELHECIMENTO_Imag

ens_Arquet%ADpicas_da_Bruxa_WOMEN_AND_AGING_Archetypal_Images_
of_the_Witch

Vasconcellos, M. J. E. (2003). Distinguindo dimensões no paradigma emergente da ciência contemporânea, In *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência* (pp.101 - 146). Campinas: Papyrus

6.1 Anexos e apêndice

Anexo 1

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Relações familiares e fase última do ciclo vital: impactos e desafios do processo de envelhecimento de mulheres idosas de Brasília

Instituição do/a ou dos/(as) pesquisadores(as)/Instituição Proponente: Ceub
Pesquisador(a) responsável: Ma. Izabella Rodrigues Melo

Pesquisador(a) assistente: Fernanda Barbosa Costa

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O texto abaixo apresenta todas as informações necessárias sobre o que estamos fazendo. O nome deste documento que você está lendo é Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Antes de decidir se deseja participar (de livre e espontânea vontade) você deverá ler e compreender todo o conteúdo. Ao final, caso decida participar, você será solicitado a assiná-lo e receberá uma via do mesmo.

Antes de assinar, faça perguntas sobre tudo o que não tiver entendido bem. A equipe deste estudo responderá às suas perguntas a qualquer momento (antes, durante e após o estudo).

Natureza e objetivos do estudo

- Você está sendo convidado a participar desta pesquisa que tem o objetivo geral: investigar a influência do processo de envelhecimento nas relações familiares de mulheres idosas de Brasília e como objetivos específicos: a) caracterizar de que forma o convívio familiar destas idosas influencia no seu processo de envelhecimento b) compreender de que forma a valorização do papel da mulher idosa se altera em relação aos demais papéis familiares c) investigar a relação de dependência destas idosas com seus filhos(as).

Procedimentos do estudo

- Sua participação consiste em participar de uma entrevista semiestruturada presencial de 35 a 45 minutos, guiada pela pesquisadora auxiliar a partir de um roteiro de perguntas baseado nos objetivos do trabalho.
- Em seguida será realizado pela pesquisadora uma análise das entrevistas realizadas, selecionando as principais partes e coletando os dados necessários para a compreensão e correlação com literatura abordado no projeto, na segunda metade do semestre de 2024.
- Para garantir a segurança e sigilo dos dados, apenas a pesquisadora terá acesso a elas para a decomposição dos dados
- () Estou de acordo com a utilização da gravação de voz neste estudo.
- () Não estou de acordo com a utilização da gravação de voz neste estudo.
- A pesquisa será realizada na Instituição de caridade religiosa da qual as participantes já frequentam

Riscos e benefícios

- Este estudo possui riscos mínimos. Existe a possibilidade de algumas participantes se sentirem sensibilizadas com algumas perguntas do roteiro de entrevista, mas que não comprometem a saúde emocional da participante. A orientadora responsável é psicóloga e o trabalho está sob sua supervisão.
- Considerando os riscos potenciais deste estudo, caso seja necessário, será garantido o direito à assistência (imediata, integral e sem ônus) ao participante, devido a danos decorrentes da participação na pesquisa e pelo tempo que for necessário (Resolução CNS nº 466 de 2012, itens II.3.1 e II.3.2).
- Caso esse procedimento possa gerar algum tipo de constrangimento, você não precisa realizá-lo, ou poderá interromper sua participação a qualquer momento.
- Com sua participação nesta pesquisa você poderá contribuir com a comunidade de pessoas que passam pela mesma situação e assim gerar um valor maior de reconhecimento sobre a importância em cada vez mais contribuir para o maior conhecimento sobre tal temática.

Participação, recusa e direito de se retirar do estudo

- Sua participação é voluntária. Você não terá nenhum prejuízo se não quiser participar.
- Você poderá se retirar desta pesquisa a qualquer momento, bastando para isso entrar em contato com um dos pesquisadores responsáveis.
- Conforme previsto pelas normas brasileiras de pesquisa com a participação de seres humanos, você não receberá nenhum tipo de compensação financeira pela sua participação neste estudo.

Confidencialidade

- Seus dados serão manuseados somente pelos pesquisadores e não será permitido o acesso a outras pessoas.
- Os dados e instrumentos utilizados ficarão guardados sob a responsabilidade de Fernanda Barbosa Costa com a garantia de manutenção do sigilo e confidencialidade, e arquivados por um período de 5 anos; após esse tempo serão destruídos.
- Os resultados deste trabalho poderão ser apresentados em encontros ou revistas científicas. Entretanto, ele mostrará apenas os resultados obtidos como um todo, sem revelar seu nome, instituição a qual pertence ou qualquer informação que esteja relacionada com sua privacidade.

Se houver alguma consideração ou dúvida referente aos aspectos éticos da pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário de Brasília – CEP/UniCEUB, que aprovou esta pesquisa, pelo telefone 3966-1511 ou pelo e-mail cep.uniceub@uniceub.br. O horário de atendimento do CEP-UniCEUB é de segunda a quinta: 09h às 12h30 e 14h30 às 18h30.

O CEP é um grupo de profissionais de várias áreas do conhecimento e da comunidade, autônomo, de relevância pública, que tem o propósito de defender os interesses dos participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e de contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Também entre em contato para informar ocorrências irregulares ou danosas durante a sua participação no estudo.

Ao assinar abaixo, você confirma que leu as afirmações contidas neste termo de consentimento, que foram explicados os procedimentos do estudo, que teve a oportunidade de fazer perguntas, que está satisfeito com as explicações fornecidas e que decidiu participar voluntariamente deste estudo. Uma via será entregue a você e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

Caso tenha qualquer dúvida sobre a pesquisa, incluindo os danos possíveis, entre em contato com a pesquisadora assistente Fernanda Barbosa Costa pelo telefone (64) 99977-9880 ou pelo e-mail fernanda.bc@sempreceub.com

Eu _____, após receber a explicação completa dos objetivos do estudo e dos procedimentos envolvidos nesta pesquisa, concordo voluntariamente em fazer parte deste estudo.

Brasília, ____ de _____ de _____.

PARTICIPANTE

Ma. Izabella Rodrigues Melo, izabella.melo@ceub.edu.br

Fernanda Barbosa Costa, (64) 99977-9880, ferana.bc@sempreceub.com

Endereço dos(as) responsável(eis) pela pesquisa

Instituição: CEUB

Endereço: SEP7 707/907 - Asa Norte, Brasília - DF, 70790-075

Telefones p/contato: (64) 99977-9880

Anexo 2

Termo de Aceite Institucional e Infraestrutura

Eu, Ma. Izabella Rodrigues Melo responsável pela pesquisa **Relações familiares e fase última do ciclo vital: impactos e desafios do processo de envelhecimento de mulheres idosas de Brasília**, junto com o(s) aluno(s) Fernanda Barbosa Costa solicitamos autorização para desenvolvê-la nesta instituição, no período de seis meses, entre 05 de agosto a 20 de dezembro de 2024. O estudo tem como objetivo a influência do processo de envelhecimento nas relações familiares de mulheres idosas de Brasília; será realizado por meio dos seguintes procedimentos, será utilizado o modelo qualitativo, assim para a coleta de dados serão realizadas entrevistas semiestruturadas de 35 a 45 minutos, com perguntas baseadas nos objetivos do projeto, com isso, serão selecionadas, entre três e quatro mulheres idosas de diferentes pertencimentos étnico-raciais e de diferentes idades, na faixa etária entre 60 e 70 anos. Ademais, para assegurar que as participantes participem de forma voluntária, será apresentado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, com as principais informações da pesquisa. Por fim utilizamos o método de Análise de Conteúdo para compreender e analisar a decomposição dos materiais, tanto com a transcrição das entrevistas, como com a seleção do referencial teórico.

Declaro que a pesquisa ocorrerá em consonância com as das Resoluções CNS nº 466/2012, nº 510/2016 e suas complementares, que regulamentam as diretrizes éticas para as pesquisas que envolvem a participação de seres humanos, ressaltando que a coleta de dados e/ou informações somente será iniciada após a aprovação da pesquisa por parte do Comitê de Ética em Pesquisa do UniCEUB (CEP-UniCEUB).

Ma. Izabella Rodrigues Melo

Fernanda Barbosa Costa

Eu Orlando Lino , Diretor da Instituição de Caridade Religiosa venho por meio deste termo, informar que estou ciente e de acordo com a realização da pesquisa, em conformidade com o projeto ora apresentado, e que essa instituição dispõe de infraestrutura necessária para desenvolvê-la de acordo com as diretrizes e normas éticas.

Brasília-DF, _____ de _____ de _____.

Izolda Souza da Silva

Apêndice 1

Roteiro de entrevista semiestruturada

1. Como você descreveria a dinâmica das suas relações familiares atualmente?
Quais são os principais membros da sua família com quem você tem contato regularmente?
2. Ao longo do processo de envelhecimento, quais mudanças você observou nas suas relações familiares? Isso inclui mudanças na dinâmica, na comunicação ou nas responsabilidades compartilhadas.

3. Você acha que o envelhecimento afeta de alguma forma a maneira como você se relaciona com seus filhos, netos ou outros membros da família? Se sim, de que maneira?
4. Como você lida com as possíveis mudanças de papéis dentro da família à medida que envelhece? Isso inclui questões como assumir um papel de cuidadora, delegar responsabilidades ou se sentir mais dependente de outros membros da família.
5. Existem desafios específicos que você enfrentou em suas relações familiares durante o processo de envelhecimento? Isso pode incluir questões como conflitos familiares, dificuldades de comunicação ou preocupações sobre o futuro.
6. Por fim, como você acredita que suas relações familiares contribuem para o seu bem-estar e qualidade de vida à medida que você envelhece? Existem aspectos positivos que você gostaria de destacar, bem como áreas que podem precisar de mais apoio ou atenção?